



Isac Amaral Soares Pereira

FINAL DA TAÇA DE PORTUGAL DE 1969

O “GRANDE ATAQUE” À DITADURA

Dissertação de Mestrado em História -ramo de época Contemporânea, orientada pelo Professor Doutor Luís Trindade, apresentada ao Departamento de História, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

FINAL DA TAÇA DE PORTUGAL DE 1969

O “GRANDE ATAQUE” À DITADURA

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	Final da Taça de Portugal de 1969
Subtítulo	O “Grande Ataque” À Ditadura
Autor/a	Isac Amaral Soares Pereira
Orientador/a(s)	Luís Manuel Duarte Antunes Figueiredo Trindade
Júri	Presidente: Saúl António Gomes Coelho da Silva Vogais: Raul Mahendra Kumar Luís Manuel Duarte Antunes Figueiredo Trindade
Identificação do Curso	2º Ciclo em História
Área científica	História
Especialidade/Ramo	História Contemporânea
Data da defesa	31 de Outubro de 2023
Classificação	16 valores



Índice

Agradecimentos	5
Resumo	6
Abstract	7
Introdução	8
Capítulo I - Anos 60	12
1 - Caracterização deste período	12
2 - Quebrando as regras	13
3 - Europa	15
4 - A universidade	16
5 - O caso português	18
Capítulo 2 – Primavera estudantil	21
1 - Crises anteriores	21
2 - Primavera Marcelista	23
3 - Crise de 69	24
4 - Correntes políticas do movimento	31
Capítulo 3 - Desporto durante o Estado Novo – futebol como instrumento político	33
1 - Direção Geral da Educação Física, Desportos e Saúde Escolar	35
2 - A Bola	40
3 - Inauguração do estádio do Jamor	42
4 - Instrumentalização do futebol	43
Capítulo 4 – A final da Taça de Portugal de 1969	47
1 - Associação Académica de Coimbra - Secção de Futebol	47
2 - Antecedente na crise de 62	50
3 - Caminhada para a final	52

6 - O jogo.....	62
7 - Pós-jogo	65
Conclusões.....	68
Bibliografia /Fontes consultadas	70
Anexos.....	73

antigo que pude realizar. Todo este projeto foi muito gratificante para mim uma vez que pude juntar duas áreas que eu adoro, o Desporto e a História. Contudo ninguém consegue nada sozinho e por isso existe algumas pessoas que me ajudaram nesta caminhada.

Ao meu orientador Luís Trindade, pela sua compreensão e paciência em nortear-me neste percurso, por sempre ter uma alma alegre e disposta a ajudar, e essencialmente pela sua maneira de estar.

Aos meus colegas e amigos que sempre me ouviram e compreenderam esta minha paixão e me facultaram conselhos muitos valiosos para a minha formação.

Às pessoas que tive a oportunidade de entrevistar para este trabalho, que me receberam de braços abertos e se dispuseram a falar de um momento tão emotivo da sua vida.

À minha família, por serem quem sou e quem serei, e por possuírem muito mais importância do que pode ser traduzida em palavras.

E em último à minha namorada, por me ajudar sempre, em todos os momentos, por ser a pessoa mais alegre que conheço, e por ser a minha animadora pessoal e a luz da minha vida. E ao facto de ela não precisar de asas para voar.

Final taça de Portugal tinha 1969 entre o Benfica e a Académica de Coimbra. Esta final ficou marcada por ocorrer em plena crise estudantil, logo foi muito utilizada por estes como um meio de divulgar a sua luta. É a partir deste pressuposto que se irá estudar alguns aspetos mais abrangentes do Estado Novo como por exemplo a maneira como este utilizou o desporto para incutir a sua retórica fascista, ou seja, iremos olhar para a evolução desta postura do regime face a esta área. Desde os primórdios da sua atitude face ao desporto, onde este procurava incutir uma faceta mais ligada à ginástica, até ao momento em que este percebeu a importância do futebol para atrair massas e utilizou-o para o seu próprio proveito. Outro dos aspetos que irão ser examinados será toda a geração dos anos 60 e o seu contexto, porque tudo este ambiente é importante para termos uma visão de todos estes acontecimentos específicos, todo este ambiente que ficou marcado por uma rebeldia juvenil, em que estes começaram a reivindicar mais direitos não só para si, mas também para a sociedade em geral. Este fenómeno aconteceu um pouco por todo o mundo durante esta década, e também chegou a Portugal. Foi nesta época que se deu a crise de 69, o maior protesto contra o Estado Novo neste período, em que o seu momento mais emblemático foi a final de 1969. Como classificou o jornal O Público, foi o “maior cómico contra a ditadura”.

Palavras-chave: Anos 60, Estado Novo, Crise, Desporto e Coimbra

1969 between Benfica and Académica de Coimbra. This final took place during a student crisis, and it was widely used by the students themselves as a means of promoting and sensitizing others for their struggle. Based on this assumption, some broader aspects of the Estado Novo will be studied, such as the way in which it used sport to instill its fascist rhetoric, and we will look at the evolution of the regime's behavior in this area. From the beginning of its attitude towards sport, where it sought to instill a feature more related to gymnastics, until the moment the government realized the importance of football in luring the masses and used it for its own benefit. Another aspect that will be examined will be the entire 60s generation and its context, because all this atmosphere important for us to have a vision of all these specific events. This whole atmosphere was marked by the youthful rebellion, who began to claim more rights not only for themselves, but also for the society. This phenomenon happened all over the world during this decade, including Portugal. It was at this time that the 1969 crisis took place, the biggest protest against Estado Novo, in which its most emblematic moment was the 1969 final. As classified by the newspaper O Público, it was the “greatest comic against the dictatorship”.

Keywords: 60s, Estado Novo, Crisis, Sport and Coimbra

Introdução

A presente tese começou a germinar no final do meu primeiro ano de mestrado, em que numa cadeira de Produção Cultural, elaborei um trabalho sobre a utilização do desporto na época do Estado Novo, e decidi que queria focar-me neste mesmo tema, mas de uma outra perspetiva, olhando mais para o outro lado da moeda, nas formas como desporto foi utilizado como uma arma contra o regime. Nesse sentido, escolhi recair sobre a final da Taça de Portugal entre a Académica e o Benfica no estádio do Jamor em plena crise académica de 1969. O desporto, e neste caso o futebol, foi utilizado pelo Estado Novo para justificar os seus objetivos políticos, por isso é que o Benfica e a figura de Eusébio ficaram muito ligadas a este regime, como é defendido pelo investigador Marcos Cartão. Contudo, a final de 69 foi um dos casos em que o desporto funcionou como um contrapoder, provando que este era apenas um instrumento que podia ser usado quer por um lado quer por outro.

Mas primeiramente é importante neste trabalho fazer um contexto histórico da época, ou seja, os anos 60, sobre que se baseia o capítulo inicial. Tempo este que ficou marcado por uma grande agitação social em todo o mundo, que movimentou várias classes sociais, embora a juventude e em especial os estudantes tenham assumido um protagonismo especial. Neste caso, sobressai a crise de maio de 68 em França, embora a contestação estudantil tenha acontecido um pouco por todo o globo. Foi uma época em que os jovens tomaram a dianteira da luta e começaram a exigir mudanças não só nas suas universidades, mas também na sociedade em geral.

Todo este protesto também chegou a Portugal, naquilo que ficou conhecido como a Primavera Estudantil na década de 60. Este período foi importante para todo o processo democrático que aconteceu posteriormente e é, segundo a opinião de alguns intervenientes neste movimento, considerado a génese do que depois ficou conhecida como a Revolução dos Cravos. Daí o capítulo seguinte ser composto por este tema, dando especial atenção à crise de 69, onde se situa o principal objeto deste trabalho. Crise esta que marcou por toda esta geração de 60, tornando-se um marco na História do nosso país, sendo o seu ponto alto um evento desportivo durante o Estado Novo.

O terceiro capítulo procura então contextualizar a situação do desporto durante o Estado Novo, com uma análise que recua ao início do regime, em que esta área da vida dos portugueses não estava no topo da agenda fascista, pois estes davam valor a um desporto mais funcional, de

modo a formar o cidadão que seria leal à nação. Com isso o desporto de competição, como é o caso do futebol, era menosprezado. Ainda assim, é neste período que se constroem os grandes estádios, em especial o do Jamor, local onde vai ocorrer o principal caso que foi examinado nesta tese. Só mais tarde, com a profissionalização do futebol e o sucesso deste desporto a nível internacional, é que o regime vai olhar de um outro modo para o desporto-rei e instrumentalizá-lo. Também neste capítulo encontra-se um outro momento de contrapoder, que esta relacionado com a fundação do jornal *A Bola*, que se pautava por ser um periódico independente e único, como será explanado mais à frente.

Com todo este contexto de que necessitamos para compreender a importância da final da taça de 1969, chegamos ao último capítulo desta tese que é sobre o acontecimento central desta narrativa. Nele é analisado a secção de futebol da Associação Académica de Coimbra, que era caracterizada pela ligação dos jogadores à universidade, uma vez que estes eram também estudantes. Olhamos também um pouco para a crise de 62 do ponto de vista desportivo, de como foi vivido por esta secção de futebol. Depois olhamos para os jornais, para o que dizem e também para o que não dizem, pois nesta época a censura era algo que estava bem presente nas suas redações. Por fim temos o jogo onde além de estudarmos o espetáculo que aconteceu dentro das quatro linhas, olhamos para o que aconteceu fora delas e tentamos tirar as devidas elações de todo este movimento.

Quanto às fontes utilizadas para este trabalho, em primeiro lugar é de destacar as fontes orais, as entrevistas, que são muitas vezes deixadas para segundo plano pelos historiadores, por conferirem mais importância às fontes escritas. Contudo, para este trabalho estes tipos de fontes foram essenciais para descrever todo o ambiente, quer durante os meses de 1969, quer durante o jogo. As pessoas que aceitaram ser minhas entrevistadas foram o antigo jogador e estudante de Medicina, Mário Campos, o seu colega de equipa e antigo estudante de Direito, António Marques e o ex-adepto e estudante de Medicina, Aguiar de Melo. Figuras ímpares quer da Academia, quer da secção de futebol que assistiram a toda a convulsão de 69 e onde foram protagonistas.

Ainda dentro das fontes não escritas, também foi consultado o documentário *Futebol de Causas*, dirigido por Ricardo Antunes Martins no ano de 2007, que possui variadas entrevistas com ex-jogadores e ex-estudantes, entre elas com os jogadores de 62, que foram importantes para esta tese.

Quanto às fontes escritas foi consultado o Museu Académico e em específico o fundo do Dr. Nuno Perestrelo Pimentel, que fez uma crónica exemplar das épocas da seção de futebol durante este período, com recortes de jornal e apontamentos minuciosos. Também é de realçar a Imagoteca da Biblioteca Municipal de Coimbra que possui um extenso registo fotográfico da final e da crise.

Outra das fontes consultadas foram os jornais, e neste caso damos mais relevância aos desportivos, entre eles *A Bola* e o *Record*. No entanto, também foram analisados periódicos mais ligados ao regime, como o *Diário de Notícias* e o *Diário da Manhã*. Também foi alvo de investigação *O Século*, *Novidades* e os jornais mais oposicionistas entre eles o *Diário de Lisboa*, *Diário Popular* e o *Capital*. Destaca-se igualmente o *Diário de Coimbra* com um noticiário local.

Quanto aos autores que fornecem uma importante ajuda à construção deste trabalho, temos o Rui Bebiano, que com o seu livro *Poder da Imaginação, juventude, rebeldia resistência nos anos 60*, que serve de base para todo o capítulo sobre este período, contudo este autor, tem também outros trabalhos que foram igualmente estudados: *Anos inquietos: vozes do movimento estudantil em Coimbra: 1961- 1974*, 2006, este com Maria Cruzeiro. Temos também o *Do ativismo à indiferença: movimentos estudantis em Coimbra*, 2007, com Elísio Estanque. Outro dos autores que também falam sobre esta temática da crise é Miguel Cardina, com o seu *A tradição da contestação: resistência estudantil em Coimbra no marcelismo*, 2008. Um dos livros mais importantes sobre a crise de 69, é o de Celso Cruzeiro, autor que viveu os acontecimentos na primeira pessoa e soube tirar as suas conclusões. A obra intitula-se *1969: a crise académica, o debate das ideias e a prática, ontem e hoje*. Outras duas obras que também serviram de suporte a esta tese foram os livros de Guya Accornero, *Efervescência estudantil: estudantes, ação contenciosa e processo político no final do Estado Novo (1956-1974)*, 2009 e de Carlos Martins: *Coimbra 1969-1979/80: luto académico, tradição coimbrã e mudanças políticas*, 2013.

Quanto à parte desportiva, é de destacar os livros de Rahul Kumar, *A pureza perdida do desporto: futebol no estado Novo*, 2015; as obras de Ricardo Serrado, *Futebol a magia para além do jogo*, 2011 e *O jogo de Salazar, a política e o futebol no Estado Novo*, 2009. Um outro trabalho importante nesta área, foi a obra enciclopédia dirigida por João Santana e João Mesquita denominada *Académica História do futebol*, 2011.

Nesta temática temos também o texto de Marcos Cardão, *A star is born: Eusebio, football, and the ideology in late portuguese empire*, 2009. Bem como o trabalho de Francisco Pinheiro *O “lápiz azul” no sport português: política, desporto e media; no Futebol e Política*, 2019. Para concluir, os autores mais ligados à relação entre desporto e Estado Novo, como Maurício Drummond: *A bem do desporto e da nação: relações entre esporte e política no Estado Novo português (1933-1945)*, 2013.

Todo este trabalho possui uma estrutura que consiste no afunilamento dos temas, iremos do mais geral, com uma visão de toda década, descendo a partir daí para temas mais específicos, como é o caso da primavera estudantil, o desporto no Estado Novo, até chegarmos ao acontecimento propriamente dito, o jogo da final da Taça de Portugal de 1979, disputado entre Académica e Benfica. Contudo, este foi mais que um simples jogo de 120 minutos, ou pelo menos é o que este trabalho pretende defender. Nesse sentido, é importante todo o contexto político, social e desportivo, para que quando se ouvir o “apito do árbitro”, o leitor já tenha todas as informações que precisa para compreender o significado desta final. Um dos pontos-chave desta tese é que procura falar de um acontecimento curto, mas cheio de implicações, para cuja análise, é necessário discutir temáticas mais amplas, como o desporto, o Estado Novo, a Universidade, a crise e toda uma envolvência de uma sociedade de um período marcado por muitas lutas.

Outro dos motivos que me levou a seguir este tema foi o facto de não haver muitas investigações sobre este assunto. Temos um excelente repertório sobre as crises da década de 60 e também alguns trabalhos sobre o desporto durante o Estado Novo, contudo não existe um trabalho que consiga unir estes dois aspetos. Por isso, com este trabalho tenta-se preencher esta lacuna, ao olharmos para a primavera estudantil de um outro modo, com o futebol como pano de fundo, pois este desporto é muito relevante para a nossa sociedade assim como era nos anos 60.

Capítulo I - Anos 60

Como refere Rui Bebiano, os anos 60 são muitas vezes referidos como excessivos, pois este período foi caracterizado por muitos exageros, além disso este autor refere-os como superficiais no sentido de como tem sido contado pelos seus protagonistas, o que leva a que muitas das vezes se tornem imprecisos. Para Arthur Marwick estes terão sido “os longos anos 60” (Marwick 1999:16-20), sendo que no final dos anos 50, já começamos a ver um embrião daquilo que virá a ocorrer e este processo prolonga-se até ao início dos anos 70. O certo é que foi um período de enorme mudança, em que a resistência juvenil foi contra uma disciplina contestada, onde claramente havia uma era que terminava e outra que já estava a começar.

Este período adquiriu muito da sua aura sagrada também devido aos seus intervenientes, que quer através de livros, filmes ou artigos quiseram embelezar este período, contudo tudo isto tinha sempre uma certa apropriação pessoal. Por isso é que diversos autores recordam estes anos como positivos, temos o caso de Todd Gidlin que relembra este período como ocupado pelo combate pelos direitos cívicos (Gidlin in Bebiano 2003:20). No entanto, existem também outras visões mais pessimistas que retratam o mesmo período como um tempo de dor e de vacuidade de objetivos.

1 - Caracterização deste período

O principal agente deste período foi a juventude que procurava fugir a controlo dos “dispositivos disciplinares”, como nomeou Michel Foucault, dispositivos estes que eram o serviço militar, o clero e principalmente a escola. Era através destas três formas que o estado pretendia retirar os jovens da sua esfera familiar e iniciá-los na sua dinâmica social, visto que estes incidiam a sua ação numa fase da vida entre a infância e a idade adulta, que era chamada de “terra de ninguém”, onde os jovens eram moldáveis (Foucault in Bebiano 2003:23).

Contudo, como refere Bebiano, este processo de separação do meio familiar irá também levar a uma afirmação das experiências de vida autónomas e divergentes dos restantes ramos da sociedade.

Além disso, esta geração foi muito maior em termos de quantidade em relação às anteriores, devido ao *baby boom* que ocorreu a seguir ao final da Segunda Guerra Mundial, entre 1948 e

1953. Anos 50, esses que são retratados como uma época de prosperidade e paz, que também se caracterizam, contudo, pela verificação de uma certa rotura entre a juventude e a sociedade. Como exemplo disto temos o icónico filme de James Dean *Rebel Without a Cause*, que se tornou num símbolo para os jovens deste período, no caso do cinema. Na música o seu representante mais importante foi o de Elvis Presley, com o seu *Rock and Roll*, que chocava sectores da sociedade mais conservadores. Ou seja, esta rebeldia juvenil não apareceu esporadicamente nos anos 60, na década anterior já podemos observar este mesmo fenómeno, apenas não associamos muito esta ideia a esta década devido à falsa paz social que o Estado (nomeadamente os Estados Unidos da América) tentava passar, por se tratar de um período pós-guerra. Uma das principais causas para este fenómeno, tem a ver com o facto de neste período ter aparecido a primeira geração de privilegiados que tinham tempo livre e uma semanada para gastar em cadeias de *fast-food*. Não é por acaso que a criminalidade juvenil, principalmente nos ambientes urbanos, começou a aumentar neste período, segundo Bebian.

Para Eric Hobsbawm, a cultura juvenil apresentava uma inovação dividida em três fases. Em primeiro lugar a juventude já não era vista como um estágio antecedente a vida adulta, ou seja, como uma fase de transição, e passa a ganhar uma certa identidade e autonomia. Em segundo esta nova juventude tornava-se dominante nas economias de mercado, não representando uma massa anónima de poder de compra, mas um grupo social mais apto a lidar com os desenvolvimentos tecnológicos e culturais, que também passou a ter mais poder de compra. E em terceiro tinha uma identidade global, onde as redes de influências percorriam os cinco continentes, marcada claramente pela hegemonia cultural norte-americana (Hobsbawm,1998:295).

2 - Quebrando as regras

Como Guya Accornero nos diz, um dos denominadores comuns das várias agitações juvenis está relacionado com um enorme sentimento antiautoritário, de quebras das normas que caracterizam muito essa geração. Para esta mesma autora estes movimentos sociais podiam convergir com objetivos políticos, temos o caso dos movimentos em países autoritários como os da Europa de Leste, que procuravam essencialmente uma mudança política. Mas temos outros casos no mesmo continente, em regimes democráticos, que além da mudança social, também queriam soluções políticas, pois viam que estes regimes possuíam características

conservadoras e talvez um pouco autoritárias, pois estes regimes apesar de não autoritários eram vistos pelos jovens como sendo, era uma questão de percepção. Ou seja, havia uma luta comum, contra o Estado, independentemente de este ser democrático ou não (Accornero, 2009:33).

Por outro lado, Wilhelm Reich, um dos autores que começam a ser mais lidos nos anos 60, defendia uma libertação sexual do indivíduo, pois, esta repressão a que ele estava preso, iria conduzir à afirmação do autoritarismo (Reich in Bebiano 2003:47). Ora, segundo Bebiano, uma das descobertas deste período foi a pílula anticoncepcional que começa a ser comercializada e irá diminuir o risco de gravidez nas práticas extraconjugais, além do claro impacto na vida dos casais que assim conseguem adiar a vinda do primeiro filho. Ora isto irá provocar uma revolução de costumes, que vai colidir com uma sociedade mais conservadora. O exemplo mais emblemático desta libertação sexual é a expansão das comunidades *hippie* onde as relações são mais abertas e comuns, e em algumas situações com uma grande dose de drogas à mistura. Muitas vezes esta adoção da cultura do amor é feita em contraste com a guerra, como é o caso da Guerra do Vietname, onde os Estados Unidos da América sofreram uma forte contestação doméstica, muitas vezes movidas por parte destes setores mais *hippies* da sociedade. Contudo, esta vaga hippie não se ficou pela América e atingiu todo o mundo, segundo Bebiano, chegou à Europa a sítios como Londres, Paris ou Amesterdão. (Bebiano 2009:53-56) Para Accornero este “levantamento *hippie*” está também muito ligado a uma contestação contra o modelo capitalista, pelo menos nos países mais democráticos, levando a uma cultura alternativa (Accornero, 2009:38).

É, no entanto, nos Estados Unidos da América que nasce o *Civil Rights Movement*, que Accornero classifica como o pai de todos estes movimentos que vieram nos anos 60 e seguintes. Esta autora defende que este movimento americano que nasceu nos anos 50, foi importante na definição dos movimentos sociais contemporâneos, como o movimento estudantil americano, ou o *Black Panthers*, que foram seus sucessores diretos. Tanto no *Civil Rights Movement* como no *Black Panthers* podemos observar alguns fatores externos que são semelhantes, como a formação de uma classe média afro-americana, sendo essa cultura urbana também importante para esta minoria étnica. Além disso temos também o crescimento do partido democrático que muito se deveu ao voto afro-americano, temos o caso da campanha do presidente John F. Kennedy e o seu sucessor Lyndon Johnson que conseguiu aprovar uma lei contra a discriminação racial (Accornero, 2009:27).

3 - Europa

Começa a aparecer na Europa uma Nova Esquerda (Gicher-Holtey in Bebiano 2003:51), que é mais organizada do que nos E.U.A., em que um dos seus maiores cavalos de batalha é combater o sistema capitalista, possuindo assim uma forte vertente marxista, sendo esta filosofia reinterpretada. Com esta visão desenvolveu-se uma posição mais crítica não só à sociedade capitalista, mas também ao modelo comunista, pois pretendia-se adaptar o marxismo à luz dos acontecimentos do século XX. Isto vai produzir um setor da sociedade que está sistematicamente a pôr em causa tudo, especialmente o regime, como é característico da geração de 60, num primeiro eixo como defende Bebiano, que a classifica em cinco diferentes eixos evolutivos. Sendo o segundo eixo desta Nova Esquerda a tentativa de criar um modelo de socialismo, que não procura tanto a mudança de poder e na imposição de uma ditadura do proletariado, mas mais num desenvolvimento das relações quotidianas, da experiência em família e das práticas sexuais. Em terceiro lugar, o indivíduo precisava de se libertar do coletivo. Em quarto viam-se mais como um movimento do que um embrião de um partido, e por último, procedeu-se a uma mudança dos novos atores da mudança social que deixaram de ser o proletariado e passaram a ser os jovens intelectuais dotados de uma aguda consciência histórica (Bebiano 2003:51-52). Para Miguel Cardina estes novos autores propunham contributos teóricos que pretendiam reconfigurar o marxismo e eram fortemente influenciadas quer pela revolução cultural chinesa quer pela revolução cubana encabeçada por Fidel Castro e o seu líder emblemático Che Guevara, rejeitando assim o socialismo originário de Moscovo. Toda essa influência soviética já vinha em declínio desde os anos 50, temos os casos do critica do Estalinismo no XX congresso do PCUS, as insurreições na Polónia e Hungria em 1956, a invasão da Checoslováquia e as próprias notícias do Gulag, que faziam com a que esta nova esquerda europeia começasse a duvidar deste modelo, e procuravam inová-lo (Cardina, 2008:69-71).

Neste aspeto Cardina destaca um nome que foi muito influente para esta geração, Marcuse. Este autor originário da Alemanha defendia que se devia atualizar o marxismo à luz da realidade do capitalismo avançado e dos contributos teóricos de Heidegger e Freud, pois para ele a integração do proletariado no espaço social e principalmente o seu papel que representava a nível político, tinha levado a um adormecimento das classes trabalhadoras, e assim perderam ânimo na luta pelos seus direitos e pela revolução. Por isso é que este autor propunha o aparecimento de uma nova classe reivindicadora que podia finalmente realizar a revolução, os jovens. O autor possuía uma grande capacidade emancipadora, que provinha do seu

posicionamento social, mas é também de realçar a forma como estes unificaram a sua dimensão erótica com a política, mais concretamente o desejo (que une política e sexualidade) está no centro da teoria de Marcuse (1968:13-23).

Esta politização que a juventude europeia foi alvo, foi também acompanhada por uma sonoridade popular, sendo o seu expoente máximo os Beatles, que com a sua rebeldia e irreverência se tornaram num símbolo da década de 60. Nesta época a música espelhava muito do que a sua audiência vivia, com os seus intérpretes a levarem vidas cheias de abusos, com droga e álcool, tumultos nos espetáculos e uma vida privada que era tudo menos convencional. A música era um símbolo de contestação, que aliada com as drogas e a libertação sexual se tornou numa mistura que muitas vezes caracterizava esta década. Tudo isto culminou em 1969 com o festival de Woodstock, onde todos estes fatores estavam em evidência.

4 - A universidade

Outra vertente que estava muito presente neste período foi a universidade e a sua massa jovem que através da rebeldia estudantil, adquirem um papel importante nos movimentos políticos e culturais desta década. Este local que tinha sido local de consenso onde o saber era transmitido através de gerações por meio de uma tradição institucionalizada, era agora uma zona de confronto de ideias.

Cardina diz-nos que no terreno da pedagogia, “assiste-se à emergência de um paradigma da educação que era centrado no aluno e nos métodos não-diretivos” (Cardina, 2008:73), levando a que muitas vezes a política e a educação se sobreponham uma à outra. Já Guerra e Nunes (Guerra e Nunes, 1969:7), referem que os estudantes se erguiam agora não contra a universidade, mas contra as estruturas da sociedade que a envolvia. Estes estudantes universitários estavam claramente politizados e quando o poder vigente tentava limitar as suas ações estes reagiam com força, como foi caso da universidade de Berkeley, na Califórnia. Sendo descrita esta universidade por Bebiano como o epicentro destes movimentos, rapidamente estes se alastraram para Europa, nomeadamente Alemanha, Itália e França.

Muitas destas contestações tinham em comum fatores de ordem política e cultural, onde os estudantes fugiam à velha tradição de incorporação nos velhos modelos da academia. E já havia quem referisse que estes estavam a substituir o proletariado (kopkind in Bebiano,2003:58), chamando-os de “novo proletariado”. Nesta fase os estudantes deixam de ser massas dispersas sem objetivos, para passarem a compor um grupo ativo que compreendia as injustiças do

sistema onde estavam incluídos, apesar de na sua maioria serem compostos por indivíduos privilegiados. Para corroborar esta ideia temos o argumento de Accornero que refere que neste período a massa universitária estava socialmente mais articulada do que nunca e era também muito mais numerosa em relação às gerações anteriores (Accornero, 2009:3).

Um dos acontecimentos mais marcantes nesta altura foi o maio de 1968 em França, descrito por muitos autores como um dos maiores acontecimentos do século, a seguir às guerras mundiais. Esta revolta estudantil levou à queda de De Gaulle, que nesta época era presidente da república francesa, que era visto pelos revoltosos como um conservador. Além disso esta ocorrência levou a outros levantamentos que se seguiram, nomeadamente no outro lado da cortina de ferro e no outro lado do Atlântico, na cidade do México. Segundo Hobsbawm este levantamento estudantil que ocorreu um pouco por todo o mundo foi o maior levantamento mundial que os revolucionários após 1917 sonhavam (Hobsbawm, 1998:295).

Um pouco por todo o lado, quer em Paris, México ou Praga a guerra contra o capitalismo americano estava lançada, apesar de muitas vezes estes jovens irem ao encontro a uma cultura americana que estava profundamente enraizada através da comercialização da sua marca. Por isso os ideais de Marx muitas vezes não cabiam neste panorama, porque esta revolta era mais complexa, e isto levou a que o partido comunista francês se distanciasse deste movimento, porque não o compreendia verdadeiramente. Este movimento não se enquadrava no clássico quadro de luta de classes, não se tratava de uma tomada de poder, mas sim uma libertação do poder. E o facto de estarem isolados dentro de um ambiente universitário poderá ter levado a que perdessem o contacto com a realidade e não tivessem uma continuidade política (Bebiano, 2003:64-67). Contudo foi esta dimensão espontânea e festiva, que tornou este movimento tão original.

Na década de 60 havia um movimento estudantil global de contestação e de confronto do poder, de forma que esta juventude através da insurreição pretendia contruir valores, códigos e comportamentos que definissem padrões culturais autónomos. Quanto à sua localização geograficamente podemos situar os epicentros destes fenómenos no seio das universidades e nos centros urbanos, por outro lado em relação à sua constituição como grupo, trata-se de um conjunto muito heterogéneo, classificado por uns como crianças-perdidas, sem rumo nem direção e por outros como uma guarda-avançada, muito politizada, mas incapaz de compromissos (Bebiano 2003:68).

Outro aspeto importante nesta época foi uma certa atitude de anti trabalho que se foi desenvolvendo, onde os jovens procuravam ter uma vida mais equilibrada entre este dever e a

suas atividades de lazer, fugindo de uma vida rotineira. Além de um claro afastamento desta mesma classe etária em relação aos valores fundamentais pelos quais eram constituídas as identidades nacionais.

5 - O caso português

Quanto a Portugal, apesar das restrições impostas pela circulação de informação, o país não irá escapar a estes fenómenos mundiais que estavam a ocorrer já nos anos 50. Tudo isto para referir que este foi o processo contínuo, onde houve vários fenómenos que não são exclusivos da década de 60, mas que já vinham detrás, de uma sociedade do pós-guerra que estava em mudança e de onde surgiu uma juventude com dinheiro e tempo livre que se dedicou a causas diferentes dos seus pais.

Temos desde logo o exemplo da campanha presidencial do general Humberto Delgado que mobilizou uma grande parte da população mais jovem, numa dinâmica contrária ao regime, ou em outro momento durante as cheias de Lisboa no ano de 1967, quando centenas de jovens foram prestar socorro às vítimas. Accornero realça este acontecimento devido ao nível de autonomia que esta classe mostrou (Accornero, 2009:3). Contudo a maior incidência deste movimento global encontra-se na nação lusa ao nível das universidades. Esta população estudantil universitária tinha um peso estratégico. pois esta sociedade era muito estratificada e o estudante universitário fazia parte de uma elite muito restrita e destinada a assumir cargos de chefia. Além disso, Cardina defende que os Estados ao se aperceberem da importância da juventude procuraram criar organizações juvenis para controlar esta parte da sociedade, em Portugal temos o exemplo da Mocidade Portuguesa, criada em 1936 para a educação física e militar dos jovens. No entanto, esta instituição não teve muita adesão da população mais jovem, falhando assim no seu propósito de educar a nível físico, mas também mental (Cardina, 2007:66).

Esta classe juvenil começa a partir da segunda metade dos anos 60, a ser definida pela PIDE, com a expressão de “efervescência estudantil” para caracterizar a crescente agitação que se fazia sentir nas universidades portuguesas. Accornero defende que, muitas vezes este movimento fugia das margens da legalidade, mas que isto contribuía para o seu próprio desenvolvimento, isto é mais relevante no caso português quando estamos a falar de um regime autoritário, que classificava como crime muitas ações que numa democracia aberta não o são. Por isso é natural

que a polícia política portuguesa visse nesta “efervescência estudantil” um perigo real para o Estado Novo, um dos fatos que nos transmite essa preocupação é que em 1973, os estudantes constituíam um terço de todos os presos políticos (Accornero, 2009:2), que nos leva a concluir que realmente esta agitação juvenil preocupava o estrado pois estes jovens seriam quem iria dar continuidade ao regime.

Neste período existem dois fatores que Bebiano diz serem importantes para a abertura de um país cerrado por uma ditadura salazarista, sendo uma a emigração de jovens portugueses para além-Pirenéus. E por outro lado a vinda de visitantes de outros países europeus mais democráticos, o que levou a que novas ideias chegassem a juventude portuguesa (Bebiano, 2003:79-80). Segundo Cardina, o número de visitantes que chegaram ao nosso país nos anos 60 cresceu exponencialmente, que no início da mesma não passava de 300 mil e no final eram quase 4 milhões, ou seja, o turismo era um uma janela de abertura do país (Cardina, 2007:61). Um outro fator também associado ao primeiro, está relacionado com a deserção militar levada a cabo pelos jovens que não pretendiam ir combater para o Ultramar, fazendo assim com que se organizassem núcleos de resistência em vários países estrangeiros com fortes ideias antirregime.

Isto foi importante para uma abertura do nosso país, uma vez que o Estado Novo apostava numa política marcadamente nacional, em que tudo o que fosse estrangeiro não era o mais adequado, ainda mais profunda depois do isolamento internacional que a Guerra Colonial provocou. E quando estas viagens não podiam ocorrer, Bebiano, fala num tipo de viagens intelectuais, que os jovens faziam, e onde os meios de transporte mais utilizados eram os livros. Aqui entra uma literatura clandestina, envolvida em secretismo, e que era contrária à literatura de propaganda do Estado. Esta ficção estrangeira, como já foi dito, entrava em conflito com a visão do Estado Novo, temos o exemplo na Banda Desenhada do *Tintim*, que era um repórter que percorria o globo inteiro, levando a que os portugueses, que se sentiam presos a um Estado autoritário, pudessem fazer as tais viagens imaginativas descritas por Bebiano (Bebiano, 2003:124). Estas ficções estrangeiras acabavam por promover experiências de rebeldia e resistência coletivas e individuais. Cardina também destaca certas publicações mais ligadas à oposição que eram solicitadas pelo público mais jovem como o *Vértice* e *Seara Nova*, contudo a mais marcante é do *Almanaque*, que foi editada por um conjunto de jovens intelectuais, tais como José Cardoso Pires, Luís de Sttau Monteiro, Augusto Abelaira ou Alexandre O’Neill.

Apesar da censura havia sempre alguns jornais que divulgavam as opiniões das várias áreas da oposição, provocando que muitos deles fossem mais aceites por um público mais jovem, segundo Cardina. É o caso de jornais mais regionais como o *Comércio do Funchal* ou o *Jornal do Fundão*, mas também publicações vespertinas como o *A capital* ou o *Diário de Lisboa*. Este último tinha uma matriz mais liberal e republicana sendo muito lido pelo público mais jovem (Cardina, 2007:62-63).

Mas havia outros meios pelos quais esta cultura juvenil dos anos 60 chegou ao nosso país, temos a rádio que passava alguma da música mais atual, através de um programa pioneiro chamado de *Em Orbita*, além do Rádio Clube Português que também passava algumas sonoridades do tipo Pop e Rock. No entanto estas eram exceções e esta área não teve um impacto em Portugal como no resto do mundo, devido à falta de importância que os meios audiovisuais concediam (Bebiano, 2003:129). Esta nova música estava ausente da emissora nacional, sendo por isso que o *boom* do rock português tenha acontecido mais tarde. Contudo existe uma explosão de grupos musicais mais ligados ao Pop e ao Rock nesta fase, pelo menos em termos de números. Um dos símbolos da música neste período é o festival de Vilar de Mouros, que conseguiu juntar cerca de 20 mil jovens em 1971, no entanto alguns intérpretes notaram a apatia de um público português ainda um pouco fechado e com medo da censura.

A televisão era outro canal, que apesar dos fortes condicionalismos provocados pelos órgãos sensores, conseguia ainda passar algumas séries e filmes estrangeiros que abriram o imaginário juvenil português. O próprio aparelho televisivo foi algo que mudou e centralizou a vida das famílias portuguesas, Cardina refere que em 1960 havia 31.256 televisores, mas que já em 1974 este número subiu para os 722.315, o que nos diz que mais portugueses possuíam este meio de ligação ao mundo exterior. E claro que muitos destes conteúdos fugiam ao tradicional ideal salazarista de um Portugal rural, e apresentavam cenários citadinos, com histórias de aventura, espionagem e ação (Cardina, 2007:62).

Mas não eram apenas os cenários, havia uma espécie de contestação em certos conteúdos, muitos deles vindos dos próprios E.U.A, que se tornaram uma influência para o mundo inteiro. Temos o exemplo do *Easy Rider* (1969) ou dos westerns biográficos como o *Billy The Kid*, que era um movimento de contracultura, de rebeldia, de uma América contestatária, que funcionava como uma luz que incidia sobre regimes mais fechados como o português.

Todo este movimento global teve influência no nosso país, mas só terá maior no final da década, e neste período focamos a nossa atenção para as universidades e para os seus jovens que foram afetados por toda estas crises que estavam a acontecer no mundo.

Capítulo 2 – Primavera estudantil

Em Portugal, as maiores crises que ocorreram neste período tiveram lugar nas universidades, nomeadamente a primavera estudantil, que ficou caracterizado por ser um período muito conturbado para o país e em particular para a academia. Os estudantes ao tomarem conhecimento do que se estava a passar no mundo nesta década, e tendo como plano de fundo uma guerra colonial, começam a aumentar as suas reivindicações e a pôr em causa não só a academia como o próprio regime.

1 - Crises anteriores

É neste contexto que em Coimbra começa a existir várias manifestações ao longo da década, sendo a primeira em 1962, contudo esta primeira crise teve o seu epicentro em Lisboa. A causa do protesto foi a proibição da comemoração do Dia do Estudante, que se iria realizar no dia 24 de março. No ano anterior este evento realizou-se sem grandes problemas, mas no ano seguinte foi cancelado, pois este contava com um programa diversificado. Em Coimbra, o programa contava com temas como o do acesso à universidade, que num Portugal Salazarista era uma questão fraturante na educação do país, uma temática que Accornero classifica como “delicada” (Accornero, 2009:73). A autora defende que, neste período, já não se tratava apenas de reivindicações de carácter corporativo, de modo a defender os interesses daqueles que se encontram dentro da instituição, mas sim de uma abertura maior em relação ao resto da sociedade. É aqui que começa a aparecer no dicionário de contestação universitário o termo “democratização do ensino”, algo que irá continuar ao longo desta década.

Com isso, a partir do dia 24 de março e até junho deu-se a primeira crise académica dos anos 60, em consequência da proibição do Dia do Estudante, que contou desde maio com uma agitação paralela dos trabalhadores. Os estudantes declaram luto académico no dia 26, no dia seguinte houve uma reunião com o ministro da Educação Nacional, Lopes de Almeida, onde ficou acordado a celebração desta data nos dias 7 e 8 de abril, contudo o ministério voltou a proibir esta comemoração com o pretexto de não ter recebido o programa. A cidade universitária é ocupada policialmente. Contudo, os estudantes reuniram todas as forças para juntar uma enorme mobilização que envolvesse os elementos de três cidades universitárias. Toda esta agitação vai levar a uma rutura no regime, com a demissão do reitor da universidade

de Lisboa, Marcelo Caetano, além do próprio ministro da Educação Nacional. Os protestos passaram por greves de fome na cidade universitária de Lisboa e até mesmo a ocupação das cantinas. Estas ações irão levar à suspensão de todos os órgãos académicos (Accornero, 2009:78-81).

Em Coimbra, este encontro tinha sido marcado para os dias 9, 10 e 11 de março, com a participação de estudantes das restantes academias, o que também foi cancelado. Também nesta cidade estudantil, um dos temas fortes deste encontro era a necessidade de democratizar o ensino, segundo Cardina. Esta luta foi diferente da capital uma vez que, ao contrário de Lisboa, existiu um confronto entre o reitor e os estudantes, levando a um distanciamento entre a universidade e a academia (2007:30-31).

Como nos diz Carlos Martins, também em Coimbra foram suspensos os órgãos da Direção-Geral da AAC e o encerramento das suas instalações. Isto vai levar a uma ocupação destes espaços por parte dos alunos da associação, que sobreviviam barricados com a ajuda dos colegas que lhes traziam comida e outros bens. Haverá prisões e suspensões no seguimento desta ação e a AAC estaria fechada até ao ano seguinte (2013:30).

Por fim, no 21 de maio do mesmo ano foi publicado o decreto-lei 44.357, o qual representava o lado legislativo da violenta repressão que tinha atingido as Associações Estudantis. Nele era estabelecido que o Ministério da Educação poderia sempre ordenar processos disciplinares contra os estudantes das escolas dependentes dele. Através destas normas, foram suspensos das três academias do país cerca de cinquenta estudantes que se tinham distinguido nas recentes agitações. A 29 de junho, por despacho ministerial, foram expulsos de todas as escolas do país os vinte e um estudantes que tinham declarado a greve de fome, enquanto também em Coimbra trinta e quatro estudantes, entre os quais cinco dirigentes, eram condenados a penas a partir de seis meses de expulsão da universidade até dois anos de expulsão de todas as escolas do país (Accornero, 2009:81).

No fundo, a crise de 62 serviu como precursora das crises seguintes e foi, como defende Cardina, o que “*originou o afastamento de uma parte significativa da juventude universitária relativamente a um regime pouco dado a gestos de flexibilidade, ao mesmo tempo que permitiu a consolidação da preceptiva sindicalista no interior do movimento*” (2007:32).

Mais tarde nesta década ocorreu outra crise estudantil, no ano de 1965, onde existiu novamente contestações por parte dos estudantes, que levou ao encerramento de secções e organismos da

AAC, levando mesmo ao encerramento da própria sede neste ano. Como no diz Martins, a causa que irá levar a esta crise foi a recusa de obedecer à reitoria a propósito da proibição de cartazes e boletins oposicionistas, pois estes tipos de ações estariam ligados a atividades subversivas, segundo o reitor. No dia 27 de julho o presidente da Direção-Geral – Octávio Ribeiro da Cunha – é preso e no seu lugar é nomeada uma Comissão Administrativa (CA), que serão frequentes ao longo década de 60, como resposta do governo às crises estudantis (Martins, 2013:30-31).

2 - Primavera Marcelista

Outro acontecimento político que aconteceu no final dos anos 60 e irá influenciar a terceira crise estudantil deste período foi a chegada da “Primavera Marcelista”, que irá corresponder a uma nova fase do regime.

Em setembro de 1968, Salazar deixa de ter condições para governar devido a problemas de saúde, obrigando o Presidente da República, Américo Tomás, a nomear para o seu lugar Marcelo Caetano, iniciando assim a última etapa do Estado Novo. Caetano que vinha se afastado do centro do poder deste da crise de 62, nunca deixou de se comunicar com Salazar e de ter a sua influência dentro do aparelho de Estado. Este pertencia a uma ala modernista e oposta àquela mais próxima do anterior líder e é com o seu lema “evolução na continuidade”, que pretendia unir as duas frações do regime, uma mais liberal, que o próprio a encabeçava e a outra mais conservadora, que fazia parte do núcleo duro de Salazar (Serrado, 2009:174). É, pois, com a esta política dual que Marcelo Caetano vai basear a sua política, ao tentar agradar a ala mais liberal, com as várias reformas no aparelho de Estado, e por outro com a continuidade da guerra do Ultramar, para agradar a ala mais conservadora, procurando assim unir os portugueses.

Como nos diz Cruzeiro, o novo presidente do conselho tinha pela frente uma missão espinhosa, pois:” ...tinha de pacificar as contradições no seio do bloco dominante, promover os anseios expansionistas da burguesia industrial portuguesa e enfrentar a oposição crescente a uma guerra colonial...” (1989:37), por isso é que Marcelo Caetano tinha a missão de unificar uma nação cada vez mais fragmentada. Este ainda tentou implementar uma série de reformas de cariz social e político, como nos narra Accornero, de forma a desenvolver o país, que precisava desesperadamente de mudanças e ao mesmo tempo promover uma certa integração do país na Europa. Também se registou neste período uma certa abertura política e um abrandamento da

censura e das medidas de repressão, de modo a dar um claro sinal de “descompressão política”, além de alguma liberdade sindical. É durante este período que sai uma lei para substituir a PIDE pela Direção Geral de Segurança –DGS (2009:98). Contudo, Caetano decidiu continuar com a guerra em África com o intuito de, como já foi explicitado anteriormente, agradar a ala mais conservadora do regime, algo que se tornará um assunto divisionista e que se irá prolongar até ao fim do regime.

Accornero classifica esta abertura Marcelista como não linear, pois houve avanços e recuos, além de terem criado demasiadas expectativas no seio da sociedade portuguesa que não iriam ser cumpridas, pois nas questões que realmente eram importantes a resposta do regime foi sempre negativa e repressiva (Accornero, 2009:100).

Toda esta política contraditória vai tornar-se insustentável, e com a chegada da década de 70, vai ocorrer um endurecimento do regime, que luta pela sua sobrevivência. Acaba a abertura e o regime volta as suas ações de repressão, não só contra o PCP, mas contra alguns sectores mais moderados. Neste período verificam-se muitas prisões, e o exílio político de Mário Soares, em 1970. Em sentido contrário também crescem as greves, os protestos e a agitação social (Cardina, 2008:74-75). Esta fase irá durar até ao fim deste regime, no 25 de abril de 1974.

3 - Crise de 69

A crise estudantil de 1969 começa no dia 17 de abril deste mesmo ano, ou seja, é uma crise que eclode em plena “primavera marcelista”, a propósito da inauguração do edifício das Matemáticas, que recebeu para esta cerimónia o Presidente da República, na época Américo Tomás, o ministro da Educação Nacional, José Hermano Saraiva e o ministro das Obras Públicas, Rui Sanches. Os estudantes que já vinham reivindicando uma mudança na Académica queriam fazer uso da palavra, através do presidente da Associação, Alberto Martins, algo que lhe foi impedido de fazer, o que desencadeou a crise que iria durar alguns meses. Mário Campos, antigo jogador e estudante de Coimbra diz que *“Não fazia sentido que se fosse inaugurar um edifício importante para os estudantes e não se desse a palavra a estes”* (depoimento MC).

A luta dos estudantes passava por criar uma “Universidade Nova”, que no seu fundo também estava associado a uma sociedade nova, numa contestação académica, que pretendia ser transformada numa luta ideológica e pedagógica (Cardina, 2007:49). Segundo Cardina os

estudantes já tinham esgotado todas as possibilidades para que a sua voz fosse ouvida, por isso é que foi convocado para o dia da inauguração, uma reunião estudantil em frente ao edifício das Matemáticas (Cardina, 2007:51)

Alberto Martins que seria preso no dia seguinte para interrogatório, sendo libertado no mesmo dia 18, devido à forte pressão estudantil que se mobilizou de imediato junto do reitor e do ministro da Justiça. No seguimento destes acontecimentos e confiante nas palavras de Celso Cruzeiro, que era um membro da Direção-Geral da AAC, o governo fascista põe em prática uma tática de controlo de informação em que a narrativa que passou para a opinião pública era que os estudantes tinham faltado ao respeito ao chefe de Estado, ignorando todas as reivindicações estudantis na área da reestruturação do ensino superior (Cruzeiro, 1989:134). Com esta política do Estado Novo, os estudantes, procurando contrariar toda esta narrativa governamental, respondem através de um comunicado emitido a 21 de abril, no qual as suas principais reivindicações são a participação no Senado Universitário e o reconhecimento das Juntas de Delegados como estruturas que representavam os estudantes (Cruzeiro, 1989:135). Verdadeiramente, o que se pretendia com este comunicado era que o Senado protegesse os estudantes da repressão policial que estes temiam, até porque o seu presidente já tinha sido preso logo no dia 18. Além do reconhecimento das juntas que tinham sido democraticamente eleitas e serviam como elo entre a Direção-Geral e as faculdades, algo que vai ser importante para a dinâmica do movimento no seguimento da crise. Para Cardina além destas reivindicações, havia uma luta mais ampla, que passava pela democratização do ensino superior, pois este tipo de ensino era ainda muito elitista, não chegando a todos os portugueses (Cardina, 2007:51-52).

Em resposta a esta ousadia dos estudantes, a universidade decide suspender todos os membros da Direção-Geral e abrir um inquérito para apurar os factos. A resposta destes não se fez esperar e no mesmo dia desta ação da reitoria, dia 22, é convocada uma Assembleia Magna nos Jardins da AAC, fortemente concorrida, que englobava a participação de muitos estudantes, mas também de alguns professores. Nesta assembleia fica decidido a ocupação das faculdades pelos estudantes, de forma que as aulas não se realizem e se transformem em debates onde sejam discutidos os acontecimentos que se tinham passado nos dias anteriores, como é pedido para que *“sempre que possível em debates onde sejam discutidos os últimos acontecimentos, bem como os problemas próprios das faculdades”* (“A academia está de luto”, DG, 23-04-69). Além disso é decretado luto académico, onde a principal reivindicação da AAC era que fossem levantadas as suspensões colocadas sobre os membros da sua direção (Cruzeiro, 1989:136-138).

O que acontece em Coimbra é realmente uma paralisação da universidade, em que as aulas não ocorrem e além disso o movimento ganha cada vez mais força de dia para dia, com a adesão de novos membros à luta estudantil, como é o caso da maioria dos professores universitários. Em algumas faculdades a adesão ao luto académico é de quase de 100%, facto também incentivado pelas Assembleias Magnas que se realizavam agora diariamente no Pátio das Escolas, onde se procurava fazer um ponto da situação e moralizar os manifestantes. Para Cardina, a ação das juntas de delegados nas faculdades foi fulcral para que este movimento tivesse um teor cultural e de massas, pois esta dinâmica permitiu unir a maioria dos estudantes, evitando que a vanguarda do mesmo se isolasse na sua liderança (Cardina, 2007:49).

Como Cruzeiro refere, este protesto, neste período, tinha dois objetivos. Por um lado, a coesão deste movimento não só entre estudantes, mas também criar uma ligação com os docentes, de forma a criar condições para destruir a velha instituição universitária e criar uma nova, mais liberal. Por outro isolar os principais responsáveis da academia, nomeadamente o reitor e o ministro da Educação Nacional, tentando que lhes fosse retirada toda a solidariedade política (Cruzeiro, 1989:142).

Cardina também partilha desta opinião, pois vê que a estratégia dos estudantes passava por formar uma frente unida, não só com os alunos, mas também com os docentes, pois alguns deles já haviam participado em algumas assembleias. Por isso é que no dia 24 é criada uma comissão de estudantes suspensos e professores (Cardina, 2007:52). Esta comissão tinha o intuito de ser recebida pelo Presidente da República de forma a poder expor os seus argumentos, mas como afirma José Antunes, José Hermano Saraiva escreve ao presidente do conselho a defender que não passava de uma manobra de má-fé, e que era preferível esta comissão não ser recebida pelo Presidente da República (Antunes, 1985:172). Esta reunião irá realizar-se mais tarde, no dia 11 de abril de 1970, já num contexto diferente e será envolta em polémica, pois foi vista como um pedido de desculpas pela crise de 1969 (Cardina, 2007:52).

É, pois no dia 30 de abril de 1969, que se dá um dos acontecimentos mais marcantes para os estudantes, com a comunicação do ministro da Educação Nacional, na RTP, a informar num tom intimidatório como recorda Cruzeiro, que a propósito dos acontecimentos que se estavam a passar em Coimbra era necessário transmitir as causas que levaram a estas ocorrências. Com isto Hermano Saraiva, ignora todas as reivindicações defendidas pelos estudantes, e centra o problema no modo como o chefe de estado tinha sido tratado no dia 17 de abril. Com estas críticas feitas aos estudantes, o ministro acentua um certo carácter patriótico na maneira como

o Presidente da República foi tratado em Coimbra, criticando as ofensas que este tinha sido alvo. Este termina dizendo que para tais atos não haverá impunidade e concluindo com a ameaça: " *A de que a ordem vai ser restabelecida na universidade de Coimbra*" (Diário de Coimbra, 01-05-1969:8).

O ministro fascista tinha como objetivo amedrontar os membros do movimento estudantil e criar dissidências junto das suas fileiras. Contudo, a Assembleia Magna do dia seguinte, 1 de maio de 1969 foi a mais concorrida até então, com uma adesão de cerca de quatro mil estudantes. Com esta reunião, os seus intervenientes quiseram passar a mensagem que não desistiam da sua luta e que iriam continuar com o luto académico. O ministro da Educação Nacional ao ver que a sua ameaça não obteve o resultado desejado ou então seria essa a ameaça que tinha em mente no momento da sua comunicação ao país, decide encerrar as atividades letivas na universidade de Coimbra, no dia 6 de maio de 1969.

Cruzeiro diz que nesta época os estudantes procuravam difundir a sua mensagem para todo o país de forma clandestina, com amigos, familiares, simpatizantes e antifascistas no geral a ajudarem neste esforço, ao levarem documentos e panfletos para as suas terras de origem (Cruzeiro, 1989:148). Esta ação terá sido importante, uma vez que com o fecho da universidade tinha abrandando o movimento, pois as Juntas de Delegados já não podiam continuar no seu processo de ocupação das faculdades.

Este movimento vai presenciar um outro momento importante no dia 28 de maio quando em Assembleia Magna, com uma afluência de mais de seis mil participantes é decretado o próximo passo nesta luta – greve aos exames. Esta decisão não foi tomada de forma leviana, segundo conta Cruzeiro, uma vez que este tipo de protesto podia representar a perda de um ano e por consequente a ida para a guerra de muitos destes jovens. Por isso é que os líderes do movimento só a tomaram depois de consultar os mais variados quadrantes e obterem garantias de confiança das pessoas que os seguiam (Cruzeiro, 1989:149-150). Tal facto é comprovável pelo intervalo de tempo entre o fecho da universidade (6 de maio) e a tomada desta decisão drástica (28 de maio), levando-nos a crer que foi realmente muito ponderada e pensada. Isto também pode levar a concluir que este movimento era muito organizado e maturado, pois apesar de tomar decisões difíceis, estas serão sempre lógicas e a pensar num bem comum. Como alude Cardina, esta decisão de greve aos exames, podia ter-se tornado um erro tático, pois uma manobra deste tipo implicava uma adesão geral para ter resultado. Se falhasse, além de implicar a perda de um ano

e a ida para a guerra do ultramar, como já foi explicado anteriormente, também iria levar a um isolamento do movimento e talvez ao seu fim (Cardina, 2007:53).

Mas Mário Campos defende a consistência deste protesto ao relatar que: *” a luta foi muito bem orientada pelas Direcções-Gerais da AAC, eu acompanhei isso, sempre muito bem liderada pelo Alberto Martins, muito sereno, muito calmo a levar a rapaziada a perceber o que é que estava em jogo. E notava-se o envolvimento os estudantes a aumentarem nas reuniões e assembleias.”* (depoimento MC).

Neste período, outra estratégia importante do movimento, foi a contestação pedagógica, que passava pela realização de cursos livres, colóquios e reuniões de estudo, onde o objetivo era criar uma discussão, com autores e temas diferentes do cânone clássico da universidade (Cardina, 2007:53-54). Mais uma vez é importante realçar o trabalho das juntas de delegados que foram incansáveis neste aspeto. Além de que mais uma vez nesta ação está bem presente a crítica à velha universidade e aos seus métodos seculares e ultrapassados, objetivos que nunca saíram do centro do protesto.

Outra decisão difícil que já tinha sido tomada foi o cancelamento da Queima das Fitas, no dia 8 de maio, que para além de prejudicar os estudantes também foi muito penoso para a Coimbra, uma vez que esta recebia muitas pessoas de fora da cidade e era um impulso forte para a economia local, como alude Cruzeiro. A não realização desta festa implicou a anulação e cancelamento e suspensão de muitos contratos comerciais, a perda de avultadas receitas que foram danosas não só para Coimbra, como para o resto do país (Cruzeiro, 1989:150).

O ministro da Educação Nacional ainda tentou criar mais dissidentes no movimento dos estudantes ao criar um mecanismo que permitisse aos alunos faltosos, que as suas infrações fossem perdoadas, mediante um requerimento dirigido ao reitor, contudo esta ação não teve o efeito desejado. Pois, como já foi dito, no dia 28 de maio existe um novo avanço no movimento estudantil, que é a greve aos exames (Cruzeiro, 1989:151-152). Esta era uma arma muito forte contra o governo, que não tinha sido usada nas últimas décadas. Contudo, existe muito apoio da academia a esta ação de protesto, se virmos os números divulgados pela ACC, notamos que a taxa de adesão está situada acima dos 90% na maioria das faculdades, numa primeira fase (Cruzeiro, 1989:161). Numa fase posterior o SIPE (Serviços de Informação, Propaganda e Estatística da ACC) ao fazer o balanço sobre a greve aos exames, fornece os seguintes indicador

Quadro I

Número de exames boicotados

Faculdades	Inscrições	Exames	% de abstenção
Direito	5860	881	85,0%
Letras	4708	716	84,8%
Medicina	5488	441	92,0%
Ciências	9199	1249	86,5%
Farmácia	296	98	66,8%
Universidade	25551	3385	86,8%

Fonte: SIPE nº 6, 24-07-69

Como se pode concluir a grande maioria dos estudantes adere à greve e boicota os exames, os que rompiam a greve, a maioria por pressão familiar, viam o seu nome inscrito na lista de traidores do movimento, que eram afixadas publicamente, e por isso era alvo de uma façção mais extremista do movimento que atuava contra estes fura-greves, uma das mais faladas seria o “rapanço” do cabelo de uma filha de um agente da PIDE (Cardina, 2007:56). Este tipo de atividades e outras provavam que muitas vezes estes movimentos criam façções ou organizações paralelas que não conseguem ser controladas pela direção central do mesmo.

Aguiar De Melo relata-nos estes dias:” *estava tudo muito agitado com a GNR á volta da Universidade (...) alguns alunos foram fazer exames por razões familiares, outros porque estavam a tirar um curso ao abrigo da lei militar e no fundo tinham de ir, mas a grande maioria não foi*” (depoimento ADM).

No fundo os meses de junho e julho foram de muita luta para os estudantes, com a universidade barricada pelas polícias, além das pressões constantes para que furassem a greve. Também a nível financeiro a AAC começou a ter dificuldades, com a reitoria a suspender todos os ordenados da mesma, além dos serviços de ação académica terem feito o mesmo no apoio aos estudantes mais pobres, isto no final do mês de junho. Porém o movimento não morreu pois de todo o lado chegavam donativos das mais variadas maneiras, muitas vezes eram intelectuais e

artistas que ofereciam as suas obras, ou angariação de fundos que depois eram entregues a esta, ou até mesmo contribuições próprias (Cruzeiro, 1989:179-180). Outro instrumento de angariação de fundos era a utilização de *cartoons* humorísticos e irónicos, desenhados pela mão de João Botelho, Carlos Santarém e Joaquim Pais Brito (Cardina, 2007:55).

Cardina fala-nos no quente mês de junho e num clima tenso em que a cidade vivia com a universidade ocupada militarmente, onde são organizadas iniciativas arrojadas e inovadoras, de forma a incluir os coimbrenses que não pertenciam à academia. É exemplo a operação balão, onde soltaram dezenas de balões na baixa da cidade, ou a operação flor, onde foram distribuídas flores à população. Estas iniciativas tinham como objetivo sensibilizar a cidade para o movimento (Cardina, 2007:54). Mário Campos chama a atenção para estas ações de protesto, “*esta conquista da população também era muito importante. Porque questionava as pessoas*” (depoimento MC).

Como a luta estudantil a causar o efeito desejado, o ministro Hermano Saraiva decide no dia 8 de agosto suspender órgãos da AAC, nomeando uma comissão administrava para o seu lugar. Este é um importante volte-face na sua narrativa, uma vez que a tática usada até então era a de censura e silêncio sobre o que se estava a passar em Coimbra, ora com esta ação ele admite que as coisas não estavam a correr bem e a aprovação aos exames era muito baixa. Além de que neste mesmo mês os membros da direção foram presos, sendo libertados no fim do mesmo.

Contudo o movimento obteve importantes vitórias como a organização da época de exames em outubro, onde cada estudante podia ir a três exames, e não dois como o ministro tinha indicado inicialmente. Além de uma crucial reforma universitária que era messianicamente aguardada. Ou seja, os estudantes tinham ganho um papel importante na academia, como Cruzeiro refere que foi possível fazer um recuo tácito, devido a todos estes acontecimentos. Logo é dada a ordem, no início de setembro, que os estudantes deviam aproveitar a oportunidade e realizar os exames no mês de outubro (Cruzeiro, 1989:181-183). Por fim o movimento acaba com a integração dos principais dirigentes do mesmo no serviço militar e na consequente ida para a guerra do Ultramar.

Todos estes desenvolvimentos de acontecimentos, comunicados e ações levam-nos a concluir que todo este processo foi muito complexo, o que não deixa de ser verdade, mas por outro lado ocorreu tudo num curto espaço de tempo como nos é lembrado por Mário Campos: “ *A crise foi muito rápida, foi deste o 17 de abril até ao final de junho, foi cerca de um mês e meio, dois*

meses” (depoimento MC), o que nos alerta para a velocidade em que os casos foram se sucedendo, o que prova, mais uma vez, a dimensão e organização da luta estudantil.

4 - Correntes políticas do movimento

Em termos políticos, para Cardina, este movimento era composto por vários grupos que intervinham nesta órbita. O primeiro é a linha da CR – conselho de Repúblicas- assim apelidado por estar fortemente enraizado nas Repúblicas de estudantes. É neste grupo que se encontram a maioria dos membros que irão constituir a Direção-Geral, elementos estes que eram ideologicamente marcados por um marxismo heterodoxo e plural. Este grupo baseava-se na ideia de que nem todas as reformas são reformistas, com fundamentação nas ideias de André Gorz, que defendia que a luta por reforma é também ela revolucionária, por isso este grupo apresentava uma componente mobilizadora em alguns sectores intermédios, mas era também revolucionária noutros.

A segunda corrente tinha como dirigente mais conhecido Barros Moura, de onde sai a sigla pela qual era conhecida IBM, que era quotidianamente falado como Inteligente Barros Moura ou Insuportável Barros Moura, conforme os gostos. Esta corrente seguia uma linha mais próxima do PCP, que advoga a defesa da legalidade associativa como o modo de fundamental de ação do movimento estudantil, contudo era frequentemente apelidada por “aventureira” por alguns sectores da esquerda, pois havia uma tendência para o confronto aberto com a autoridades, que muitas vezes punham em causa as suas ideias. Contudo nem todos os militantes do PCP, pertenciam a este linhas, pois estes elementos eram caracterizados por atuar de forma dispersa na divulgação das suas ideias como forma de proteção.

A terceira corrente eram os *contestas*, que eram menores em termos de números do que as anteriores. Eram muito influentes na faculdade de letras, por isso era um grupo que estava mais aberto a correntes mais extremistas, como o Trotskismo Renovado ou o Situacionismo (Cardina, 2007:57-58).

Estas divergências não eram notadas para a maioria das pessoas, pois as discussões mais acesas eram feitas na retaguarda do movimento, no seio de uma organização semiclandestina denominada o “Conge”. Sendo essa uma organização informal e secreta, é um pouco difícil definir-lhe os seus contornos. Dela fazia parte elementos dos diversos grupos antes enunciados e funcionavam como uma plataforma prévia para reunir causas em comum que pudessem dar forma ao movimento. Contudo não se pode dar um papel muito importante a esta organização,

como uma espécie de direção oculta, pois esta ideia pode ser exagerada, uma vez que este movimento foi rápido, festivo e em alguns momentos espontâneo. (Cardina, 2007:58-59).

Todo este processo contestatário estudantil é considerado pelos próprios estudantes como fulcral para a queda do regime, o certo é que foi um acontecimento importante para o país, numa época conturbada e que marcou muito os seus intervenientes.

Capítulo 3 - Desporto durante o Estado Novo – futebol como instrumento político

O desporto e em especial o futebol com todo o seu poder social tornou-se apetecível para estes governos, como é defendido por Ricardo Serrado (Serrado, 2011:111): temos o caso da Alemanha nazi com os jogos olímpicos de 36 ou da Itália de Mussolini com a organização do campeonato mundial de futebol em 1934. Este último era um fervoroso adepto de futebol e viu neste evento uma forma de consolidar o seu poder (Serrado, 2011:112), pois a seleção italiana saiu vencedora no Europeu de futebol de 1934.

Outro exemplo mais perto de Portugal, é o caso da Espanha fascista. Como nos diz Raquel Vaz-Pinto, no nosso país vizinho o general Franco “...considerou o futebol fundamental para o triunfo do seu regime, quer interna quer externamente.” (Vaz-Pinto, 2016:48). Por isso é que o líder espanhol apoiou o clube da capital, o Real Madrid, pois este traduzia a sua visão de centralização do governo, e a verdade é que esta aposta a nível desportivo deu resultado, com os “los blancos” a serem os vencedores das cinco primeiras edições da taça dos clubes campeões europeus na década de 50. E ao longo do seu regime continuou a apoiar este clube, pois via nele um exemplo de como a sua Espanha deveria ser, sendo esta uma aposta ganha, uma vez que este lhe deu uma ajuda significativa no combate à marginalização política do seu regime. No entanto, isto levou a que se antagonizasse os clubes de zonas mais periféricas como da Catalunha ou do País Basco. Com isso ele criou dois núcleos de resistência ao seu regime nestas zonas, com os locais a vestirem as cores do Barcelona e do Atlético de Bilbao como forma de resistência ao franquismo (Pinto, 2016:49). Vemos aqui que em Espanha o uso do futebol para fins políticos teve uma consequência dupla, pois se por um lado ajudou muito o regime Franquista, com o seu projeto de centralização apoiado no Real Madrid, também criou muitos anticorpos como o Barcelona ou o Bilbao, em que as pessoas viam nestes clubes uma ideia de regionalização que se oponha a Franco tanto dentro como fora de campo. Aliás o lema do clube da Catalunha é “més que un club”, traduzindo mais que um clube, provando que este pretendia ser mais do que apenas um clube de futebol, mas sim um símbolo da Catalunha.

Portugal e Salazar também procuraram imitar um pouco este conceito de Franco, mas não foi algo estivesse deste o início do Estado Novo. Nos anos trinta, quando Salazar chega ao poder, o futebol e o desporto em geral não possuíam um nível elevado, resultado disto é a derrota da seleção nacional frente à vizinha Espanha por 9-0, em 1934. Com estes maus resultados o

desporto não era algo que pudesse ser representado como símbolo de desenvolvimento e do sucesso da nação, como nos diz Maurício Drumond (Drumond, 2013). Por isso é que nos anos 30 não vemos uma grande aposta do Estado Novo, no que toca ao desporto. Como nos diz Ricardo Serrado, o futebol, que era o desporto mais praticado, um jogo que atrai massas e muito urbano, ia contra os ideais de Salazar que enaltecia um Portugal rural e nada citadino. (Serrado, 2011:116).

No entanto, neste mesmo período houve a criação de duas instituições do Estado ligadas ao desporto, como nos conta Rahul Kumar. Temos a Mocidade Portuguesa, que tentava incutir a atividade física junto da juventude portuguesa e a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, uma organização claramente fascista que pretendia ocupar os tempos livres dos trabalhadores, para que estes não estivessem nos cafés a discutir baixa política, como defendia o ditador português. Além de torná-los mais animados e produtivos com a prática de desporto (Kumar, 2014:97).

Como nos diz Drumond, estas duas organizações tinham uma função de regenerar a “raça portuguesa”, de formação do novo homem, de um regime que ainda estava em consolidação. Como tal era preciso criar consensos e o desporto era utilizado para esta finalidade junto de jovens e trabalhadores portugueses, com a criação destas duas organizações (Drumond, 2013:311).

Contudo, nesta fase havia uma lacuna na área do desporto, que tinha uma grande participação da sociedade civil, nomeadamente o futebol. Contudo este só verá a sua importância aumentar, com as conquistas benfiquistas na década de 60 ou na participação no Mundial de 1966. Só aqui é que o Estado Novo percebe a relevância do desporto e começa a instrumentalizá-lo para promover a mensagem da nação.

Porém, a criação da Direção Geral da Educação Física, Desportos e Saúde Escolar, nos anos 40, pode ser vista como um prelúdio desta política salazarista. Numa época posterior à criação da MP e da FNAT, caracterizada também por um período de consolidação do regime. Encontramos neste período uma época de transição em que já se começa a perceber que os clubes tinham um papel fulcral na sociedade. Por isso era necessário controlá-los, porque um regime antidemocrático como foi o Estado Novo, não podia deixar o controlo dos tempos livres dos seus cidadãos ao abrigo de terceiros.

1 - Direção Geral da Educação Física, Desportos e Saúde Escolar

Neste período do nosso país já havia uma intensa prática do desporto, mas o Estado Novo não a considerava importante para a formação do cidadão português. O tipo de atividade física que interessava ao país era a ginástica que podia ser controlada e monitorizada por uma entidade estadual. No entanto, o problema era que este tipo de atividade só poderia ser praticado nas escolas.

Por este motivo é que foi criada a Direção Geral da Educação Física, Desportos e Saúde Escolar, no dia 5 de setembro de 1942, que segundo o próprio decreto que originou a sua criação visava “dirigir a educação física no País, fora das escolas, da Organização da Mocidade Portuguesa e da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho” (Kumar, 2014:168). Ou seja, pretendia preencher uma lacuna que existia na ação do Estado em relação a esta área, pois o desporto que não era praticado nas escolas ou nas instituições do regime, era aproveitado para ser dirigido e executado por particulares. Claro que para um regime fascista era importante controlar o máximo dos aspetos da vida dos seus cidadãos e por isso é que a Direção Geral da Educação Física, Desportos e Saúde Escolar foi criada. Além disso Serrado também defende que neste período a principal preocupação do estado era entender o desporto como meio para fortalecer fisicamente a nação, neste período o futebol (desporto mais popular) era visto como exercício físico e não como espetáculo para o aparelho do estado (Serrado, 2011:117).

Quanto à atividade física juvenil e corporativa continuava a ser dirigida quer pela mocidade portuguesa, quer pela FNAT (Drumond, 2013:304). Duas instituições que tinham parcialmente falhado nos seus objetivos de mobilizar alguns ramos da sociedade portuguesa para a prática desportiva sob a tutela do Estado. E muitas vezes, esta fraca adesão não estava relacionada exclusivamente com motivos financeiros, mas também com o facto de os portugueses não se sentirem seduzidos pelos cursos desportivos que o Estado Novo fornecia, com a sua base assente na Ginástica. Para a população portuguesa o desporto federativo e associativo eram muitos mais aliciantes, nomeadamente o caso do futebol, que se tornou um fenómeno de popularidade. Ou seja, o estado e a população civil tinham uma visão contrária sobre o desporto.

No entanto o papel do Estado no desporto já vinha sendo discutido na década anterior, nomeadamente na assembleia nacional, no contexto dos debates que enquadraram a produção legislativa do Estado Novo sobre o fenómeno da educação física e dos desportos. Encontramos várias vozes como os deputados Francisco Nobre Guedes ou Ângelo César, presidente do

Futebol Clube do Porto entre 1938 e 1939, que defendiam uma intervenção maior do Estado na vida desportiva dos portugueses (Kumar, 2014:171). Ora este apelo só se concretiza na década seguinte com a criação da Direção Geral da Educação Física, Desportos e Saúde Escolar. Como afirma Kumar a nacionalização do desporto só ocorre com a criação deste órgão. É interessante observar que esta intervenção do Estado no desporto não ocorreu por exclusivo interesse deste, mas foi um processo dinâmico e complexo, pois até havia vozes dos próprios clubes que apoiavam esta ação. Serrado também defende esta ideia, de que até à criação da DGEFDSE, o Estado Novo não tinha uma política para o desporto, havia algumas vozes na Assembleia Nacional que defendia uma maior ação nesta área, mas até 1942, esta não existia. Pode falar-se no caso da Mocidade Portuguesa, mas esta era mais uma organização pré-militar, enquanto a FNAT, atuava no campo corporativo, logo só com a criação da DGEFDSE é que o estado começa a sua intervenção no desporto nacional (Serrado, 2009:65-66)

Era importante para a Direção Geral dirigir e orientar a esfera desportiva como nos diz Kumar. O mesmo defende que cabia a esta instituição, disciplinar os órgãos desportivos, por exemplo o futebol, em que havia muitos problemas deste teor neste desporto (Kumar, 2014:170). Como também defende Drumond, a DGEFDSE procurava impor o controlo do Estado, especialmente sobre os clubes e associações da sociedade civil, que até então se encontravam à margem do poder (Drumond, 2013:307).

Para além deste objetivo a instituição tinha também uma vertente mais instrutiva e pedagógica, de procurar inculcar nos portugueses a prática desportiva. Este papel era exercido junto da Mocidade Portuguesa ou a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, que tinham de fazer um trabalho de concertação, assim como as escolas, fazendo que a DGEFDSE fosse o principal órgão a nível do desporto em Portugal.

Ainda a nível disciplinar este órgão tinha poderes para interferir na vida das instituições desportivas, pois poderia substituir os seus órgãos de gerência, além de limitar os requisitos de candidatura a estes cargos. Ou seja, não era só um órgão de controlo desportivo, mas servia também para controlar os indivíduos, e podemos confirmar esta ideia através da nomeação do seu primeiro diretor-geral, Álvaro de Salvação Barreto, que era um antigo diretor dos serviços de censura. Só a partir desta decisão podemos concluir qual é que seria o papel mais importante desta instituição, que não seria a vertente mais pedagógica, mas a da ordem, ou disciplina, no desporto. Isto é, nesta época o desporto ainda não era visto como uma oportunidade de enaltecer

o regime, mas como um perigo. Aliás muitas das medidas implementadas no desporto com a criação desta Direção Geral tinham como objetivo diminuir potenciais ameaças à ordem social (Kumar, 2014:176).

A competição era também uma vertente sancionada pela direção Geral, pois todas as provas quer oficiais, quer particulares tinham de ser aprovadas por esta. Para além de que apenas as organizações legalizadas podiam participar nestas competições. Esta interferência na vida dos clubes ia mais longe e no caso do futebol obrigava a que os jogos fossem disputados em campos de relvado ou até na seleção dos seus treinadores, pois se fossem estrangeiros tinham de possuir uma autorização especial.

Outro aspeto era a fiscalização que este órgão exercia sobre os atletas, que tinham de preencher uma série de requisitos para praticar a atividade desportiva. Como ter mais de 18 anos, possuir um atestado em que se libera o atleta para o desporto e “frequentar com assiduidade e aproveitamento um curso de ginástica adequado.” Claro que havia exceções a estas regras, como autorizações especiais para praticantes com menos de 18 anos, mas no campo geral observamos a importância da medicina e dos cursos de ginástica. Kumar refere que estas duas áreas eram fulcrais para a Direção Geral tanto neste aspeto mais ligado ao atleta em si, como também na legalização dos organismos desportivos ou na discriminação das suas obrigações e encargos gerais (Kumar, 2014; 180). Aliás podemos observar que a Direção Geral tentou inculcar a prática da ginástica nos organismos desportivos, com estes a serem obrigados a instituir os cursos de ginástica que só podiam ser lecionados por indivíduos habilitados. E este grau de habilitação só podia ser dado por organismos do Estado, ou seja, o Estado procurou infundir até nos clubes o seu “tipo de desporto” que achava que era o mais adequado para a nação.

Esta ideia também é partilhada por Drumond, que nos diz que para a DGEFDSE o desporto era visto como uma ferramenta educacional e principalmente amadora, com especial incidência na função social de preparação das gerações futuras, com o desporto a ser fundamental para formar este novo tipo de jovem português. Numa vertente de regeneração racial tão presente no fascismo, que visava passar valores como “a disciplina, o respeito pelo adversário e pela lei, o trabalho persistente e o entusiasmo indefetível” (Drumond, 2013:307).

Para este organismo o desporto era algo que devia de ser praticado, preferencialmente de forma amadora, como forma de exercitar o corpo, um idealismo que sempre esteve na génese do Estado Novo, por isso o principal objetivo dos clubes para a DGEFDSE, seria de providenciar

aos seus atletas todos os meios para a prática desportiva. Logo, as transferências serão algo que este organismo irá sempre impedir que aconteçam, sendo a principal vítima o futebol, que vê assim uma desaceleração na sua evolução, num período que podemos situar na década de 50. A DGEFDSE impede todas as transferências de futebol que não sejam uma clara troca de profissão do jogador de um local para outro, por isso é que essa “artimanha” será muito usada pelos clubes, contudo estes entraves irão levar a um atraso na profissionalização. Algo que este organismo era contra (Serrado, 2009:63-64).

Quanto à estrutura desta organização era relativamente reduzida, com a sua nomenclatura inicial apenas a contar com três inspetores do desporto, mantendo-se esta composição durante muito tempo. Estes indivíduos, de seus nomes José Salazar Carreira, José Duarte de Ayala Botto e António Rodrigues Cardoso eram primeiramente políticos, só o último é que tinha um passado mais ligado ao desporto, tanto a nível de atleta como de dirigente. No entanto eram apoiados por uma vasta rede de delegados regionais e locais. Os escolhidos eram, naturalmente, homens com alguma importância nos seus núcleos de ação. Observamos que em alguns casos estes homens estavam ligados ao desporto, mas que noutros casos isto não acontecia.

Como já foi dito anteriormente, a disciplina era o principal assunto para o qual este organismo foi criado, nomeadamente no futebol, onde era frequente os casos de indisciplina por parte dos adeptos. E para comprovar este facto temos o testemunho do seu Diretor Geral - Salvação Barreto – que nas suas várias intervenções realçava sempre este como o principal problema do desporto e da sua Direção (Kumar, 2014; 185). No entanto analisamos que muitas vezes o que pode ser descrito como indisciplina, pode ser no fundo uma intensa competição na busca da vitória, pois para o regime no desporto deveriam imperar valores como a educação física ou o cavalheirismo. Existe aqui uma certa ambiguidade e o que é claro para a Direção Geral pode não ser claro para os clubes, e isto é mais recorrente no futebol onde a paixão chega a roçar o irracional.

Por isso é que no final do ano de 1942 chegam da Direção Geral um conjunto de diretrizes que pretendiam diminuir uma série de comportamentos inadequados. Uma dessas normas era o policiamento dos estádios de futebol, que ao ser aumentada, faria com que os clubes deixassem de ser responsáveis pelos comportamentos dos adeptos. Esta disciplinarização também chegou aos atletas, com o apelo para que os treinadores os instruissem sobre a forma como se comportar em campo. Os árbitros também foram visados, com o objetivo que estes se tornassem mais

competentes e profissionais. Estas sanções aos juizes estavam mais relacionadas com a sua incompetência, ou seja, quando não faziam valer a sua autoridade. Por isso é frequente vermos castigos a serem atribuídos a árbitros quando existem grandes infrações dos atletas, como um jogo com muitas expulsões. Para o regime a ordem era o principal aspeto a resolver no desporto, tal como nas outras áreas da sociedade (Kumar, 2014:188-189).

No entanto, no ano seguinte à criação da Direção Geral os atos de indisciplina cometidos quer pelos atletas, quer pelos adeptos não tinham cessado, e isto era ainda evidente na imprensa desportiva. Com isto este órgão estadual decidiu a partir deste momento começar a responsabilizar os dirigentes pelas atitudes dos seus associados.

Neste mesmo ano o futebol viu a mão do Estado intrometida nos seus próprios assuntos com a criação de uma Comissão Administrativa para governar a Federação Portuguesa. Esta durou até ao ano de 1951, levando a que durante este período todos os movimentos democráticos para eleger um líder nesta Federação estivessem suspensos (Kumar, 2014:191). Isto comprovava a enorme importância que este desporto tinha no nosso país já nesta época, levando a que o Estado Novo se imiscuisse nos assuntos desta modalidade devido a dois motivos. O primeiro era porque tinha uma grande popularidade e provocava um enorme movimento social que um Estado fascista não podia ignorar. O outro era já os muito falados casos de indisciplina que no futebol eram em maior número. Por isso é que durante esta década a Direção Geral teve muito trabalho neste aspeto, com a multiplicação, durante a década de quarenta, de multas, suspensões e até irradicações de atletas. Contudo, apesar destas ações, comprovou-se que o grau de indisciplina não diminuiu.

Um dos momentos em que reparamos na influência da política no desporto é no caso da inauguração do estádio nacional do Jamor em 1944, em que a Direção Geral concedeu uma amnistia geral a todos os clubes e atletas castigados, exceto aqueles que foram erradicados (Kumar, 2014:195). Esta decisão tem como origem um problema político, da inauguração do estádio nacional, que era uma obra que pretendia usar o desporto para enaltecer o Estado Novo. Para isso foi necessária uma espécie de perdão global, para que no dia 10 de junho pudessem estar presentes no estádio nacional o maior número de desportistas.

Para Kumar a Direção Geral não possuía os meios suficientes para controlar, vigiar ou transformar o fenómeno desportivo, apesar de esse ser o seu objetivo. Esta fragilidade estava

associada ao facto de o órgão estar dependente destes mesmos agentes e instituições desportivas que não partilhavam o seu objetivo. Este autor também defende que existiam também outros interesses inerentes à prática desportiva, diferentes das orientações da Direção Geral, mas que eram necessários para sustentar toda esta estrutura (Kumar, 2014:201). A falta de meios era algo em comum em várias instituições do Estado e esta não foi exceção, e quando havia fundos estes eram muitas vezes atribuídos ao desporto mais popular – o Futebol – como foi o caso dos subsídios atribuídos para esta modalidade para que os jogos da primeira divisão pudessem ser praticados somente em campos relvados. Contudo Ayala Botto defende a ação de Salazar em 1953, ao enaltecendo a enorme obra material do ditador no campo do desporto em Portugal, dá exemplo dos estádios municipais, do Jamor, pavilhões de desporto no Porto e em Lisboa, destacando ainda o caráter homogéneo da ação do Estado Novo.

2 - A Bola

O jornal *A Bola* foi criado a 29 de janeiro de 1945, tendo como fundadores Vicente de Melo, Artur Rebelo, Cândido de Oliveira e Ribeiro dos Reis. E desde o seu início primava pela autonomia e liberdade editorial, onde procurava ser “...tribuna livre para todos quantos se interessam, lutam e consagram ao desporto.” Esta vertente está bem patente no percurso do seu mais notável fundador, Cândido de Oliveira, que já tinha sido preso no Tarrafal, onde cumpriu pena durante um ano e meio. Homem de grande notoriedade no desporto nacional, já teria sido o primeiro capitão da seleção portuguesa de futebol, além de ser selecionador e ter orientado o Sporting Clube de Portugal. Cândido de Oliveira era um forte opositor do estado no campo desportivo, pois este defendia a profissionalização do futebol, algo que já estava a acontecer noutros países, como Espanha, Inglaterra, França ou Brasil. E irá usar este jornal para expor esta ideia, porque ele via o futebol como um espetáculo e que se devia profissionalizar, de forma a evoluir no país.

Este jornal desportivo rapidamente se tornou um sucesso de vendas, com uma tiragem bissemanal, e procurando abranger todos os desportos, ainda que o futebol fosse a sua principal modalidade. Contudo, o jornal pretendia ter uma linha editorial eclética, com o boxe e o ciclismo a serem as modalidades mais populares a seguir ao desporto-rei, e em terceiro plano aparecia o atletismo, o hóquei em patins, o basquetebol e o andebol.

Cândido de Oliveira defendia que o Estado deveria apenas estabelecer regras gerais de orientação e não se deveria se intrometer na vida quotidiana dos clubes desportivos, como foi o caso de nomear uma comissão para gerir a Federação de Futebol. O jornalista criticava o facto de o Estado intervir nas eleições dos clubes e privá-los destes mecanismos democráticos (Kumar, 2014:199).

O aparecimento deste jornal veio criar um conflito entre duas linhas intelectuais em Portugal no que toca ao desporto. Por um lado, tínhamos *A Bola* que queria trazer alguma autonomia para o desporto, lutando pelo desenvolvimento do futebol nacional e de uma identidade própria, e por outro a Direção Geral que ambicionava utilizar o desporto como um meio para chegar a um fim, o do Estado Novo que queria dinamizar o desporto como um meio de propaganda ao nacionalizá-lo e instrumentalizá-lo para os seus pressupostos como a higiene individual e disciplina social. Como afirma Drumond, para o Estado a prática desportiva era posta acima do espetáculo. (Drumond, 2013:307).

A Bola tentava informar um público cada vez maior com uma linguagem simples e indo ao encontro daquilo que os seus leitores pediam enquanto o Estado queria controlar os clubes e reorientá-los para o dever nacional. No fundo temos aqui este embate teórico, que é protagonizado por duas instituições, uma estadual como a Direção Geral e outra *A Bola* que seria uma instituição social, cívica e autónoma, além de se caracterizar por ser um órgão de imprensa, isto é, uma instituição de comunicação social, com um contato com um publico vasto.

Mas deixa ser interessante o aparecimento deste jornal neste contexto, uma vez que apesar do seu nobre ideal de ser independente, este seria sempre alvo da máquina de censura do Estado Novo, dificultando assim a sua função de informa. Mas como afirma Pinheiro (2019) geralmente a imprensa desportiva não se intrometia em assuntos políticos, não se envolvia em movimentos de insurreição contra o regime nem a favor (Pinheiro, 2019:102).

Temos registo de um episódio de censura onde foi alvo um artigo de Cândido de Oliveira, que ironizou a derrota de um grupo de portugueses frente a um grupo de marinheiros ingleses, ao criticar a Federação de Futebol. Neste caso a censura atuou em favor do nome da nação e do organismo que, no fundo, comandava.

3 - Inauguração do estádio do Jamor

O Estádio do Jamor foi inaugurado no dia 10 de junho de 1944, tendo tido um longo caminho até à sua construção, uma vez que desde 1933 que António de Oliveira Salazar havia prometido a criação de um estádio nacional, provando que o estado cumpria as suas promessas. Numa Europa que acabava de sair de uma guerra mundial devastadora, esta obra seria também uma forma de dar aos portugueses a disciplina da cultura física, como defendia o ditador, até na construção de uma construção que pretendia glorificar o regime, aqui também encontramos a ideia da disciplina e regeneração social.

Serrado não deixa de notar que a construção de um grande estádio nacional pode ser considerada como a primeira forma de instrumentalizar o desporto por parte de um regime totalitário. Vemos nestas grandes obras as ideias da raça e o enaltecimento do seu grande chefe, como aconteceu nos outros regimes fascistas europeus (Serrado, 2009:91). Ou seja, mesmo em 1944 o regime percebeu que havia uma parte do desporto que podia usar em seu benefício, apesar de esta parte não estar relacionado com a componente da competição ou do espetáculo, mas mais com uma componente física e arquitetónica.

Além disto, esta inauguração foi vista como o maior contributo de Salazar ao desporto nacional, e para tal não olhou a gastos (Drumond, 2013:308). O recinto ficou completamente lotado e entre adeptos e atletas a estimativa é que estavam presentes mais de 60 mil pessoas. A quantidade de pessoas era tanta que a Mocidade Portuguesa apelava aos seus filiados que iriam fazer parte do espetáculo de abertura, para abandonar o recinto a seguir à sua participação nesta cerimónia.

Este acontecimento foi algo de simbólico para o Estado Novo, como referiu António Ferro no seu discurso, porque seria muito mais do que um evento desportivo, era a “apoteose do Estado Novo” (Drumond, 2013:309). De facto, a inauguração do Jamor foi uma grande festa de celebração e afirmação do regime, numa altura que Portugal tinha sobrevivido ao conflito mundial devido à sua neutralidade, que era atribuída à genialidade de Salazar. O desporto era uma forma de realçar este facto num mundo mergulhado na guerra e no esforço que esta requereu, já que em Portugal reinava a paz, de tal modo que se podia assistir tranquilamente a um jogo de futebol em 1944.

Serrado defende que esta inauguração, apesar de ser uma afirmação do Estado Novo, mais do que uma declaração do regime em relação ao desporto, era um marco arquitetónico, pois o que

estava a ser politizado era os estádios e não somente o desporto em geral e o futebol em particular. Além disto este autor diz-nos que este evento serviu para exaltar a Portugalidade, o Estado Novo e o seu chefe (Serrado, 2011:118).

O desporto foi utilizado de diferentes formas ao longo do tempo pelo Estado, e na inauguração deste recinto também podemos ver os diferentes níveis em que o regime aproveitou este acontecimento. Sendo que uma delas é claramente a disciplinarização do desporto, que até aqui podemos observar, nem que seja na forma mecânica e sincronizada que a Mocidade Portuguesa se apresentava na cerimónia de abertura. Assim como a FNAT, que também marcou presença na inauguração, provando que o modelo de disciplina, onde o exercício só servia para manter o corpo saudável do cidadão da pátria era o ideal para o Estado Novo. Contudo no final da inauguração realizou um jogo de futebol entre o Sporting e o Benfica, pois só assim é que se enchia o estádio, ao agradar as camadas mais populares da sociedade, algo que o Estado Novo sempre teve o oportunismo necessário para o fazer. Como defende Kumar a inauguração deste estádio demonstrou a capacidade que o Estado Novo tinha para dominar as classes mais baixas da sociedade, com uma liderança vinda sempre de cima (Kumar, 2014:102).

A construção do estádio foi importante porque na década seguinte o Estado vai continuar esta sua política arquitetónica de apoio ao desporto, levando ao início de uma boa relação entre estes dois setores da nação (Pinheiro, 2019). Temos várias construções de estádios nos anos seguintes: o Estádio da Tapadinha (do Atlético CP, em 1945), o Estádio Pina Manique (Casa Pia AC, em 1954), o Estádio da Luz (SL Benfica, em 1954), Estádio José Alvalade (Sporting CP, em 1956) o Estádio do Restelo (CF Belenenses, em 1956), em Braga foi edificado o Estádio 28 de maio (SC Braga, em 1950), e no Porto, o Estádio das Antas (FC Porto, em 1952). Vemos já aqui a génese do que será a política de apoio do Estado ao futebol, que se foi desenvolvendo ao longo do tempo.

4 - Instrumentalização do futebol

Nos anos 60 existe uma mudança no futebol português, este começa a profissionalizar-se, Serrado refere como consequência disto a construção dos grandes estádios, ou seja, a melhoria das condições para a prática desportiva, e por outro lado a chegada de grandes treinadores internacionais como é o caso de Otto Gloria e Bella Guttmann, que com a sua chegada, exige que o futebol se tornasse mais profissional (Serrado, 2009:135). Como prova desta evolução

temos as conquistas europeias do Benfica em 61 e 62, a conquista leonina da taça das taças em 64 e a grande prestação no Mundial de 1966, que nos leva a crer que neste período o futebol português deu um salto.

Nesta fase o Estado Novo começa a perceber que a popularização do futebol era algo que podia ser usado em benefício do regime. Marcos Cardão afirma que no final do império português em África este procurou usar o futebol e nomeadamente a figura de Eusébio para fazer passar a sua mensagem política, de que Portugal não possuía colónias e eram apenas províncias ultramarinas que faziam parte da nação portuguesa (Cardão, 2019:2).

Os anos 60 foram particularmente duros para o regime, com a eclosão das guerras de independência em África, temos Angola em 1961, Guiné em 1963 e Moçambique em 1964, além da forte pressão internacional que existe para que Portugal descolonizasse. Também existia a questão de como os portugueses tratavam os nativos, com o estatuto de indigenato que só seria abolido em 1961, no entanto a discriminação continuava, com os nativos a terem uma voz nada importante na sociedade, e com os altos escalões de administração ainda a lhes serem vetados ou a ausência de instalações de ensino como é descrito por Miguel Jerónimo e Pedro Monteiro (Jerónimo e Monteiro, 2020:117-141). Por isso é que o futebol é crucial, na medida em que a sua dimensão democrática, de todos os jogadores serem iguais, sendo as suas qualidades de jogo o que lhes permite irem mais longe, abriu as portas a que muitos africanos possam fugir de condições de vida carentes, e subir no elevador social através do desporto.

Com este contexto nasce o luso-tropicalismo, teoria do brasileiro Gilberto Freyre, para explicar a forma como os portugueses lidavam com os habitantes dos trópicos ao cuidar e respeitar os seus valores, ao invés de pura e simplesmente explorá-los, claro que esta é uma visão fictícia da situação das colónias portuguesas (Cardão, 2019:2). Isto levou a uma campanha de propaganda lusa, procurando mostrar esta harmoniosa convivência nos trópicos como algo comum, tendo como consequência uma nação plurirracial, onde não existia discriminação. O futebol vai encaixar perfeitamente nesta teoria com a ida de jogadores vindos das colónias africanas para o continente com muito sucesso, como é o caso de Eusébio ou Coluna, que conseguem ganhar para além de muitos títulos nacionais, duas taças de campeões europeus e a excelente participação da seleção nacional no campeonato do Mundo de 1966, provando que não havia racismo no futebol português, nem no império, reforçando a ideia de um Portugal multirracial (Cardão, 2019:3).

Aliás Eusébio é a figura que mais transmite esta ideia, sendo a primeira grande estrela mundial nascida em África, e protagonista principal na campanha portuguesa de 1966. Além disso foi eleito o melhor jogador europeu em 1965, ganhou onze campeonatos nacionais pelo Benfica e ajudou este clube a chegar a três finais europeias, conquistando uma. Ele é o símbolo maior desta política, nascido em Lourenço Marques, numa família pobre, o futebol permitiu-lhe tornar-se um herói da nação lusa. Como defende Cardão, este desporto era das poucas áreas em que os indivíduos de raça negra eram valorizados (Cardão, 2019:4). O uso do “Pantera Negra” serviu para a propaganda do regime cimentar uma ideia de unidade transcontinental, pois como é que Portugal podia ser um país colonialista e opressor quando a sua maior estrela desportiva era negra e vinha da denominada província ultramarina de Moçambique. Funcionando assim, um dos melhores jogadores de futebol do século, como um alibi para o colonialismo português.

Contudo, Serrado também propõe uma visão diferente destes acontecimentos e define estas vitórias, não como um aproveitamento, mas como um mero orgulho nacional, representado pelas máximas figuras do estado. Algo como a receção das equipas era algo que se fazia nesta época como se faz atualmente. Para este autor esta teoria do aproveitamento do Estado Novo em relação ao futebol é mitificada pelos movimentos de esquerda pós-25 de Abril que espalhavam qualquer retórica contra Salazar (Serrado, 2011:119). Este não vê nenhuma prova de que o regime tenha uma forte ligação ao futebol e em especial ao Benfica após as conquistas europeias deste clube. Esta teoria vai se conciliar com a ideia de que Salazar denegria as massas e as cidades, preferindo sempre o seu Portugal rural e sem muitas concentrações de pessoas para fenómenos como o futebol.

Para Serrado, Eusébio não é o símbolo de um império português, mas de uma sociedade rural e carente que se revê neste menino pobre que com apenas uma bola nos pés consegue conquistar o mundo e entusiasmar multidões, apenas pelo seu mérito próprio (Serrado, 2011:121). Não existe um aproveitamento da sua figura pelo estado. Se o futebol foi um dos símbolos do Estado Novo, o seu principal interveniente não foi o organismo político, mas a sociedade, que o tornou tão popular que este já não podia ser ignorado.

Mas até mesmo este autor reconhece que durante o Mundial de 1966 houve realmente uma união em torno da seleção nacional, sendo este período o mais relevante em termos de colagem política do estado ao futebol. Serrado fala de uma união que ia do Minho a Timor, onde os jogadores representavam uma nação multirracial com vários jogadores das províncias

ultramarinas, ou seja, este autor também defende que este aproveitamento político neste período está relacionado com a questão do colonialismo. Para isto ele cita o *Diário de Notícias* que diz o seguinte: “o fato de a equipa portuguesa ser constituída unicamente por jogadores da metrópole e das províncias ultramarinas. Dera até a circunstância de os autores dos 3 golos (em 1961, contra o Barcelona) serem naturais do ultramar – um de Moçambique e dois de Angola, um de raça branca, dois de raça negra. A solidariedade racial portuguesa esteve, pois, bem patente nos olhos do mundo...” (Serrado, 2011:120).

Por este motivo podemos referir que, mesmo não tenha sido um plano muito complexo e continuo ao longo do tempo a verdade é que a figura de Eusébio, do Benfica e da própria seleção nacional, foi utilizada como símbolos para fazer valer os ideias do regime, como procura defender Cardão, pois era impossível não aproveitar este sucesso e popularidade que este desporto adquiriu. Serrado tem razão ao chamar a atenção para uma colagem um pouco desinformada que existe entre o regime e o futebol, contudo até este próprio admite que esta relação existia para benefício mútuo.

Capítulo 4 – A final da Taça de Portugal de 1969

O acontecimento mais importante da crise estudantil está relacionado com a Final da Taça de Portugal entre a académica dos estudantes contestatários e o Benfica de Eusébio. Mas antes de chegar ao jogo em si é importante realçar outros acontecimentos anteriores, que foram importantes para crise e não só.

1 - Associação Académica de Coimbra - Secção de Futebol

Em primeiro lugar é necessário destacar o papel que a AAC-SF, tinha para a cidade como descreve uma das suas antigas glórias António Marques, antigo jogador e estudante de Coimbra: *“Na altura que vim para Coimbra a secção de futebol era um organismo de tal ordem importante e com tanta influência na cidade, que saltou as muralhas da Associação Académica para se tornar uma instituição da cidade, porque naquela época quando se falava em académica, falava-se na secção de futebol... a Associação Académica confundia-se com o grupo de futebol, tal era a imagem que tinha”* (depoimento AM).

Já Aguiar De Melo, ao falar-nos da filosofia academista declara: *“Antigamente o estudante vinha para Coimbra e vivia em Coimbra, comprava uma capa e batina e andava com esta roupa todo ano, vivia numa república ou numa casa, ficava cá ao fim-de-semana e ia ver os jogos. E depois quando acabavam os seus cursos e começam a trabalhar mantinham sempre uma grande ligação à Académica”*. Ou seja, nesta época a Universidade funciona como elo entre os adeptos e o clube, por isso é que havia uma grande simbiose entre estes dois, porque faziam todos parte da mesma cultura. Mas não eram só estudantes como afirma Melo: *“havia muitas pessoas da cidade e dos arredores que tinham esta ligação, pois os estádios estavam sempre cheios (...) no fundo era o representante da zona centro do futebol ao nível da primeira divisão”*. E ao recordar o ambiente à volta do futebol da Académica desta época, relata que: *“Havia uma grande convivência entre nós e os jogadores, porque alguns deles eram meus colegas de curso (...) eles treinavam no campo de Santa Cruz e nos saíamos das aulas e perguntávamos onde é que vamos? Vamos ver um bocado do treino”* e o mesmo continua a falar sobre esta ligação entre os adeptos e o desporto *“Nós aos fins-de-semana íamos ver os juniores, depois à noite íamos ao basquete e depois à tarde, quando havia, íamos ver os*

seniores do futebol, passamos o fim-de-semana a ver a diversas modalidades (...) e eram jogos sempre com muito público” (depoimento ADM).

A Académica, que nesta época era uma equipa muito importante no panorama futebolístico nacional, segundo nos conta Mário Campos: *“A académica nos campeonatos nacionais era a quarta ou quinta equipa do país em termos de classificação, justamente com o Benfica, Porto, Sporting e o Setúbal (...) até ao 25 de abril era a quinta equipa em receitas dos jogos”* (depoimento MC), realmente a década de 60 foi uma época em que a Briososa conseguiu excelentes resultados. Para comprovar isto temos o segundo lugar conquistado na época de 1966-67, melhor classificação de sempre para o clube de Coimbra, que lhe podia ter valido a presença nas competições europeias no ano seguinte, mas isto não ocorreu, pois, *“...a académica não se inscreveu, portanto não fomos a nenhuma competição europeia...”* (depoimento MC). Para além disso houve uma presença na final da Taça de Portugal contra o Setúbal na mesma época. Como classifica António Marques *“foi a década mais histórica da Académica, com a ida às competições europeias. Onde só perdemos para o Manchester City num jogo muito disputado.”* (depoimento AM). Esta ida às competições europeias só ocorreu uma época depois do segundo lugar de 66-67, no entanto percebemos que no final desta década a Academia era uma equipa de muito valor, que se tentava intrometer entre os grandes do futebol português.

O que mais torna estes feitos notáveis era que o futebol da académica era vivido de maneira diferente do resto do país, prova disso é que *“...esta equipa que foi à final tinha sete jogadores universitários...”* (depoimento MC). Mário Campos relata-nos esta época, *“A academia adaptou-se, estávamos nos anos 60, quem não estudasse era mobilizado para a guerra, e nós se passássemos de ano na universidade adiávamos a ida para o Ultramar. E íamos passando e assim arrastávamos essa ida.”* Ou seja, para estes jovens os estudos eram muitos importantes, não só para adquirir um futuro melhor, mas também porque significava não ir para uma guerra em que não acreditavam. António Marques também fala desta vertente diferenciada da Briososa no panorama desportivo nacional: *“Muitos de nós precisávamos do futebol, porque se não fosse este desporto não podíamos estudar. Estávamos cá porque praticávamos o desporto que mais gostávamos, e a vantagem da académica, além de poder jogar, era que também podíamos estudar, pois tínhamos uma bolsa de estudo, que tinha de ser muito bem gerida, pois era escassa”* (depoimento AM). Ou seja, nesta época a Académica era composta na sua maioria

por jogadores que ainda estudavam, algo de singular no panorama desportivo, se olháramos para a primeira divisão.

Além disso toda esta filosofia do jogador-estudante foi possível, pois segundo Mário Campos *“O futebol profissional ainda não estava instalado, havia o Sporting, Benfica, Porto e Belenenses que tinham vencimentos com jogadores profissionalizados, a maioria das outras equipas, os jogadores acumulavam o futebol com alguns empregos.”* contudo não deixa de frisar que isto era um milagre, todo o sucesso que a académica teve neste período (depoimento MC).

Com as atividades de jogar futebol e estudar ao mesmo tempo este fala-nos de como os jogadores geriam toda esta situação *“Os treinos eram adaptados às aulas, treinávamos quatro dias, de modo igual às outras equipas, da parte da tarde, porque as aulas eram da manhã. As aulas terminavam as 3, 4 da tarde, e o treino era prolongado entre as 3 horas e as 7 horas da tarde, como só os treinadores é que estavam permanentes no campo e os atletas faziam os possíveis para aparecer a horas, os que não pudessem, tinham treinadores preparados para os ajudar no treino. Quando havia exames treinávamos de manhã, com os treinadores-adjuntos. Só à quinta-feira é que era importante todos os jogadores chegarem a horas, para o chamado treino conjunto.”* Havia aqui uma adaptação.

Outras das dificuldades que a académica enfrentava era a cobiça dos chamados “clubes grandes” sobre os seus jogadores *“esta equipa que foi à final em 69, 5 ou 6 foram-se embora, a equipa foi desmantelada, nos anos 60 era assim...”* (depoimento MC), que devido à sua magnífica prestação eram transferidos para os outros clubes que tinham um maior poder financeiro. *“esta coisa de um jogador vir para a Académica para estudar, enquanto ao lado um colega era convidado pelo Benfica, onde podia ganhar 30 vezes ou 50 vezes mais, não era fácil de gerir (...) para ter uma ideia na final da Taça de Portugal o Benfica ganhou cinquenta contos no jogo, enquanto nos tínhamos um subsídio mensal de um conto e quinhentos, para poder viver aqui. A diferença era muito grande”* António Marques confirma esse testemunho ao referir que *“depois da final muitos jogadores saíram, e em 71-72 descemos de divisão, só para ver a sangria que ocorreu na equipa (...) uns deixaram de jogar e outros foram para grandes equipas como o Rodrigues e o Artur Jorge, levando a que a equipa ficasse desfalcada”* (depoimento AM).

Para comprovar este “flagelo” que equipas não-profissionais como a Académica sofriam temos uma notícia no Diário de Coimbra, do dia 13 de agosto de 1968, sobre o interesse do F.C. Porto em Vieira Nunes, jogador então da Briosoa:

“A académica continua a ser vítima de cobiça alheia. Depois de Celestino, Ernesto e Toni, também Vieira Nunes poderá mudar de camisola. Realmente, parece confirmar-se o desejo do F.C. Porto em incluir Vieira Nunes nas suas fileiras, uma vez que o jogador se encontra a cumprir o serviço militar na capital do Norte. Vieira Nunes terá mesmo já comunicado à Académica o seu interesse em vestir a camisola dos “azuis e brancos””.

No entanto Vieira Nunes acabaria por continuar esta época e jogaria a final da Taça de 1969 pela Académica, contudo fica bem visível a dificuldade do clube do centro do país em impedir que os seus jogadores saíssem para emblemas com maior poderio financeiro. Logo era preciso reconstruir a equipa sénior todos os anos, o que torna os seus feitos neste período ainda mais extraordinários.

Em termos de futebol jogado a Académica, com a influência de Mário Wilson jogava num 4x4x2, que em meados da década de 60 se foi tornando na tática mais usada em Portugal, como é exemplo a seleção portuguesa no Mundial de 66. E António Marques confirma isso ao dizer: *“A académica jogava num 4x4x2, mas atendendo à qualidade dos seus jogadores, permitia a esta ter a posse da bola por muito mais tempo, com um jogo muito dinâmico (...) a académica quando tinha a bola fazia o seu jogo, pois se tínhamos a posse, o adversário recolhia-se na sua defesa. Não tínhamos transportadores de bola, o jogo era feito a partir de triangulações”* (depoimento AM). Aguiar de Melo vai mais longe ao afirmar que este tipo de futebol apoiado veio do tempo de Cândido de Oliveira: *“que era um casa-piano, que veio treinar a Académica nos anos 50, e instituiu um tipo de futebol que era bola recebida, bola passada, porquê? Porque os jogadores da Académica fisicamente não eram muito fortes. Era um futebol bonito e o Andrade (treinador da Académica na final) utilizou um bocado este tipo de futebol em que os jogadores trocavam a bola entre si”* (depoimento ADM).

2 - Antecedente na crise de 62

Um dos acontecimentos que ligaram a universidade ao futebol ocorreu em 62, a propósito da crise deste ano e por isso é necessário recuarmos um pouco no tempo para incitar a nossa

atenção sobre este antecedente. Como já foi dito anteriormente a crise de 62 também se repercutiu em Coimbra, apesar do epicentro ter sido em Lisboa, a propósito do cancelamento do Dia do Estudante, isto também levou a protesto na cidade do Mondego, com a Direção-Geral a ser expulsa, com os seus membros suspensos e substituídos por uma comissão administrativa. Estas ações levaram a uma grande contestação por parte dos estudantes, que se fez sentir em todas as secções, incluindo o futebol onde os jogadores deixaram de treinar. Um jogo é adiado à força, num outro encontro a polícia ocupa o municipal, e para escapar à prisão os jogadores Chipenda, França e José Júlio abandonam Coimbra. Estes elementos como provinham das colónias, começaram a ser alvo de maior controlo por parte da PIDE, porque também estavam ligados aos movimentos de libertação dos seus respetivos países. Foi uma época muito conturbada para a secção de futebol, os jogadores ficam duas semanas sem treinar e no seu seio existem divisões, pois há quem defenda que estes abandonem as competições como aconteceu no caso do rãguebi, basquete e voleibol. Neste caso a controvérsia era a não comparência ao jogo contra o Beira-Mar em Aveiro correspondente à antepenúltima jornada do campeonato, jogo esse que o Ministério da Educação Nacional, pela mão de Lopes de Almeida decide adiar, de modo a evitar males maiores, no entanto este não resolveu a questão, pois no jogo seguinte contra o Sporting, que estava marcado para Coimbra, dois dias antes do mesmo, os jogadores e dirigentes reuniram-se. Havia uma pressão do governo para que os jogadores fossem a jogo, com a ameaça de que podiam ir para as instalações da PIDE, por um lado, e por outro a Académica que queria que estes aderissem ao luto e fizessem greve ao jogo com os “leões”. Mário Wilson, capitão de equipa neste período, procurou defender a comparência para o jogo com o Sporting e todos concordaram. A verdade é que os estudantes comparecem ao jogo, numa partida em que a GNR estava a cercar todo o estádio, para impedir que os estudantes se pudessem movimentar no interior. Isto acaba por ser visto pelos adeptos como uma quebra de apoio à luta, por isso são assobiados pelos mesmos e sofrem muita pressão (Mesquita e Santana, 2011, 196-199).

Aguiar De Melo ao recordar este período, que na época tinha apenas 12 anos, tem uma visão diferente: “A ideia que eu tenho é que a crise de 62 aqui em Coimbra não teve assim uma grande repercussão. Não foi uma crise, foi mais uma movimentação que ocorreu mais em Lisboa do que cá (Coimbra). Aliás esta crise de 62 não teve o impacto no país que teve a de 69, porque nesta, a grande arma foi a greve aos exames” (depoimento ADM).

Este episódio não deixa de ser importante para este trabalho, pois aqui temos um exemplo de como a secção de futebol e os estudantes entraram em divergência sobre o caminho a tomar numa situação de crise, e isto irá influenciar as decisões que a equipa de futebol tomará na crise de 69, pois esta ação serviu como forma de limpar a má imagem deixada na crise de 62, em que a equipa não esteve ao lado dos estudantes. No entanto, apesar deste percalço, a equipa de futebol não deixou de ter muito apoio ao longo da década, quer da cidade, quer dos estudantes.

3 - Caminhada para a final

Voltando é época desportiva de 1968-69 António Marques relata-nos a inconsistência de treinadores que esta equipa teve nesta temporada que irá culminar com a chegada á final da taça *“Durante a época o Mário Wilson foi afastado, sendo o Malo o seu substituto temporário, mas este zangou-se com a federação e foi para Angola trabalhar, quem vai ocupar o seu lugar é o Francisco Andrade que vai orientar a equipa na parte final da época”* (depoimento AM). Aguiar de Melo continua e diz: *“Francisco Andrade na época era ainda muito novo, onde tinha vindo de treinar as camadas jovens”* (depoimento ADM). Francisco Marques seria o treinador da equipa da final, tendo-se estreado na eliminatória contra o Vitória de Guimarães. Sendo esta uma época com três treinadores diferentes também foi um pouco atípica para os estudantes.

O certo é que nesta época a Académica ficou colocada em sexto lugar no campeonato, no entanto o seu avançado, Manuel António foi considerado o melhor marcador desta edição com 19 golos marcados. Nesta altura, inicialmente jogava-se o campeonato nacional e depois no final da época é que se começava a jogar a Taça de Portugal. Os primeiros jogos desta competição ficaram marcados pelo domínio da Académica, sendo de realçar o jogo com o Ferroviário de Lourenço Marques, porque se tratava de uma equipa das colónias, por isso é que os dois jogos se realizaram na cidade de Coimbra, devido à Guerra Colonial. Desde a primeira eliminatória até aos quartas-de-final os jogos foram os seguintes:

Final da Taça de Portugal de 1969

1º eliminatória	2º eliminatória	Oitavos-de-final- 1º mão
9-2-1969	9-3-1969	7-5-1969
AAC 2 – 0 Farense	Leões 1- 6 AAC	AAC 4-1 Ferroviários
Brassard Gervásio (cap.) Alinho Vieira Nunes Araújo Rui Rodrigues (M. Campos) Nené (1) Crispim Manuel António Peres (1) Vitor Campos	Viegas Curado Alinho Vieira Nunes Gervásio Rui Rodrigues (1) Nené V. Campos (1) (agostinho) Crispim (Peres) Manuel António (3) Rocha (cap.)	Viegas Curado Viera Nunes Belo Marques Rui Rodrigues (cap.) Nené (1) M. Campos (1) Luís Eugénio (Quinto) Peres (1) Vitor Campos (Silvestre)

Fonte: Fundo Dr. Nuno Perestrelo Pimentel, Museu Académic

Oitavos-de-final- 2º mão	Quartos-de-final 1º mão	Quartos-de-final 2º mão
18-5-1969	25-5-1969	1-6-1969
Ferroviários 0 - 1 AAC	Guimarães 2 – 1 AAC	AAC 5 – 0 Guimarães
Viegas Curado Vieira Nunes Belo Marques Rui Rodrigues Gervásio (Serafim) M. Campos (1) Peres Rocha (cap.) Nené	Viegas Curado Vieira Nunes Belo Marques M. Campos Rui Rodrigues Nené Vitor Campos Rocha (cap.) Peres (1)	Viegas Curado Vieira Nunes Belo Marques Gervásio (cap.) (1) Rui Rodrigues (Rocha) M. Campos (1) Manuel António (2) Nené Vitor Campos (1)

Fonte: Fundo Dr. Nuno Perestrelo Pimentel, Museu Académico

É, pois, durante esta competição que eclode a crise de 69, e como muitos dos jogadores da Académica eram estudantes universitários a sua aderência deu quase de forma orgânica. Mário Campos diz que: *“Como ninguém sabia de nada, a associação de estudantes procurou incorporar o futebol no movimento estudantil para apoiar a greve, por isso é que ao longo desta campanha cumpríamos o luto académico. Os jornais falavam nisso e questionavam porque é que andávamos de braçadeira. Com isso a federação acabou por proibir o minuto de silêncio e a entrada a passo”* (depoimento MC). Já António Marques expõe *“Quando se deu a crise académica, nós estudantes universitários, decidimos, no balneário aderir por circunstâncias várias, até para tiramos a má imagem da secção de futebol devido à crise de 62(...) fizemos o luto académico (...) e a cidade mobilizou-se, porque nesta época a Académica tinha os estádios sempre cheios”* (depoimento AM).

Mas só partir das meias-finais é que se começa a vislumbrar a possibilidade de a equipa chegar à final, e fazer um grande protesto no Jamor. Com a vitória em Alvalade por 2-1 na primeira mão das meias-finais começa-se já a perceber a relevância que o futebol podia ter para esta luta, segundo Mário Campos *“A Direção da Associação Académica verifica a importância que tem o futebol para dar visibilidade à greve e incorpora o futebol da Académica no movimento estudantil. E com isto tudo nunca houve nenhuma reunião entre nós e eles, o que eu acho espantoso. Tudo espontâneo. Por isso é que se passaram tantos e ainda existe o respeito que os dirigentes têm pelos jogadores desta altura”* (depoimento MC). António Marques também partilha desta ideia: *“A Direção-Geral aproveitou a dinâmica do futebol para os seus fins, com uma grande envolvimento de todos os estudantes. Mas nunca houve com ninguém da Direção, nem Alberto Martins, nem o Celso Cruzeiro, ninguém nos deu uma ordem. Porque cada organismo era autónomo (...) Nós tivemos a nossa luta estudantil onde fizemos greve aos exames, e efetuamos tudo como estudantes conscientes e responsáveis das nossas faculdades. Acabamos por ser mais conhecidos porque pertencíamos à secção de futebol”* (depoimento AM). Aguiar de Melo segue no mesmo pensamento: *“Entretanto a Académica joga na taça e elimina o Sporting, é nesse jogo que eles equipam de branco e é lhes proibido, por isso é que vem a história de pôr o adesivo sobre o emblema”* (depoimento ADM).

A propósito desta eliminatória os jogos foram os seguintes:

Meias-finais 1º mão	Meias-finais 2º mão
8-6-1969	15-6-1969
Sporting 1 – 2 AAC	ACC 1 – 0 Sporting
Viegas Gervásio (cap.) Belo Viera Nunes Marques Rui Rodrigues Nené (1) Peres (Rocha) (1) Mário Campos (Crispim) Manuel António Vitor Campos	Viegas Curado Viera Nunes Belo Marques Mário Campos Rui Rodrigues Gervásio (cap.) Vitor Campos Manuel António (1) Nené

Fonte: Fundo Dr. Nuno Perestrelo Pimentel, Museu Académico

Mário Campos que jogou este jogo narra que: *“Já neste segundo jogo da meia-final em Coimbra, começou a aparecer cartazes do género: liberdade, estudo para todos, etc.”* (depoimento MC), servindo este jogo como preparação para o protesto que se pretendia fazer na final. Também Aguiar De Melo, que estava nas bancadas partilha: *“já neste jogo houve uma grande movimentação nas bancadas”* (depoimento ADM).

Toda esta caminhada é importante porque permitiu servir de “Treino” para o que haveria de acontecer na final, nomeadamente os jogos com o Sporting. Além de que podemos verificar, através dos depoimentos que a adesão da equipa de futebol à luta é unânime, contrariamente ao que tinha acontecido em 62.

4 - O pré-jogo

João Santana e João Mesquita no seu livro enciclopédico sobre a história da Académica de Coimbra, caracterizam este jogo como a final mais politizada de sempre da Taça de Portugal. Era a quarta do clube, onde tinha ganho a primeira edição em 1939 frente ao Benfica, tendo

perdido a edição de 50-51 contra o mesmo clube e em 66-67 também tinha perdido a final contra o Vitória de Setúbal. Havia a intenção de que caso esta final fosse ganha, a taça devia de ser entregue ao presidente da Associação Académica de Coimbra, Alberto Martins, para que este se juntasse na volta de honra ao estádio, sendo esse um ato simbólico (Mesquita e Santana, 2011:222-223).

Para Cruzeiro a final da taça de Portugal entre a Académica e o Benfica foi um momento importante para o protesto estudantil. Este não mede as palavras ao classificar os atletas da secção de futebol como “...brilhantes jogadores, que eram também homens dignos” (Cruzeiro, 1989:169). O movimento percebeu rapidamente a atenção mediática que esta equipa de futebol estava a receber devido a sua espantosa campanha na prova rainha do futebol português, além de que estes sabiam que este desporto era uma montra muito grande no nosso país.

Um desses dignos jogadores António Marques defende que “*A académica tinha uma imagem a defender, e tínhamos o objetivo de mostrar ao país que a secção de futebol estava do lado dos estudantes e tudo isso veio de encontro ao estado de espírito de todos os portugueses quanto à necessidade de haver uma libertação*” (depoimento AM).

Para Cruzeiro, esta final era uma oportunidade única para dar a conhecer ao país os objetivos da luta estudantil, por isso é que se começou já a preparar uma grande manifestação em Lisboa, quando a Académica ainda defrontava o Sporting nas meias-finais. Este relata que o governo percebeu o perigo de toda esta situação e começou a realizar movimentos de bastidores com o intuito de pacificar das hostilidades. Cruzeiro fala de homens com influência na cidade de Coimbra e pertencentes ao Estado Novo, que com propostas vazias e poucas garantias procuravam acalmar o protesto durante esta final de futebol, contudo estes avanços foram sempre recusados pelos estudantes. Cruzeiro realça que estas ações provam o desespero com que o regime vivia nesta época, pois eles percebem que, neste período, estavam reunidas as condições para que este jogo de futebol se tornasse num verdadeiro barril de pólvora, em que o resultado seria imprevisível (Cruzeiro, 1989:170-171).

Mesquita e Santana dão-nos conhecimento sobre uma correspondência entre o Ministro do MEN, José Hermano Saraiva e o Presidente do Conselho, Marcelo Caetano, poucos dias antes da final, em que o primeiro alerta o líder do regime para toda esta situação “*As autoridades desportivas admitem que a equipa da AAC possa ser forçada a exhibir algum sinal de luto ou, num caso extremo, a não alinhar para o jogo. Parece-me que, na primeira hipótese, é mais*

sensato não reprimir, porque qualquer intervenção repercutia em todo o público. Para o caso, que me parece pouco provável, de uma recusa, teremos de reserva uma outra equipa – a do Sporting – para que os espectadores não tenham excessivas razões de protesto” (Mesquita e Santana, 2011:224). Essas palavras dizem muito sobre o modo como o Estado Novo operava, por um lado vigiam e sabiam que havia movimentações à volta do jogo, e deixam passar alguns gestos de protesto como o luto dos jogadores. Por outro sabem que não podem reprimir muito esta oposição pois isto teria consequências demasiado graves, ou seja este regime sabia até podia censurar o seu povo. Daí a lógica de Saraiva de que o jogo tinha de acontecer, nem que fosse com a equipa que tinha sido vencida na meia-final, pois o futebol era muito importante para as pessoas, tão importante que o estado permitiu este jogo mesmo correndo o risco de uma manifestação que poderia ser danosa para este.

Por estes motivos é que foi tomada a decisão de não haver transmissão televisiva do jogo e a ausência do Presidente da República, que neste caso não entregou o troféu ao vencedor. Como alude Cruzeiro, foi a única me que Américo Tomás não compareceu. Aguiar de Melo chama a atenção para este acontecimento *“Na final da taça o presidente da república não comparece, e isto é o fato importante”* (depoimento ADM). António Marques também partilha da mesma opinião *“Foi um erro do governo ao não ir à final e assim demonstrou a sua fraqueza perante a sociedade portuguesa, porque tinham medo do que pudesse acontecer e além disso não tinha razão nos seus argumentos”* (depoimento AM).

Por outro lado, Mário Campos, ao lembrar esta suposição da ausência da Briosa na final: *“Os jornais da época diziam que havia a hipótese de a Académica não ir à final, mas entre nós nunca se falou nisso (...) fala-se que estava o Sporting a ser preparado para o caso de isto acontecer, mas nós nunca soubemos disso, nunca houve nenhuma hipótese de nós não jogarmos.”* (depoimento MC).

Para preparar esta final era necessário o apoio dos estudantes da capital, por isso é que muitos dias antes foi enviado para Lisboa um elemento da Direção-Geral – José António Salvador – segundo descreve Cruzeiro. No entanto, o movimento estudantil lisboeta encontrava-se nesta época fragmentado e impotente, com os seus elementos a não terem confiança nos seus dirigentes, o que tornava a mobilização algo difícil de alcançar (Cruzeiro, 1989:172). Longos iam os anos da crise de 62, em que os estudantes de Lisboa foram os principais protagonistas, neste período isto não acontecia, o que prova a clara diferença entre os movimentos estudantis

em Coimbra e na capital, pois na cidade banhada pelo Mondego o movimento era muito unido e coeso apesar de todas as dificuldades.

Cruzeiro também alude que havia um profundo desconhecimento por parte dos estudantes de Lisboa de todo o protesto que estava a acontecer em Coimbra, este diz que apesar de alguns aspetos da luta serem sabidos, a sua natureza ideológica e teórica era desconhecida. Pensava-se que o PCP era quem liderava todo o processo, o que prova que realmente neste momento o regime conseguia censurar muitos dos protestos que ocorriam no país, contudo o que seduziu os estudantes lisboetas foi a grande movimentação de massas que se antecipava para o dia 22 de junho. (Cruzeiro, 1989:172).

José António Salvador, ao chegar a Lisboa, encontrou este cenário um pouco diferente do que estava habituado em Coimbra, por isso prontamente ligou e pediu a sua substituição à Direção-Geral, que foi atendida, sendo substituído por Celso Cruzeiro, que chegou à capital oito dias antes da final. Este procurou uma parceria com as associações de Lisboa de modo a usufruir do material tipográfico para imprimir comunicados, o número que pretendia alcançar era de cem mil exemplares. Todavia Cruzeiro confessa que o diálogo com os seus homólogos da capital não foi fácil, chegando mesmo a haver momentos tensos e recusas para usar o material preciso para a impressão dos documentos. Com este envolvimento todo a comitiva de Coimbra só conseguiu imprimir cerca de trinta e cinco mil exemplares, um número distante daquilo que era o objetivo inicial. Contudo Cruzeiro afirma que isto foi suficiente para sensibilizar as pessoas que assistiram ao jogo sobre a luta que os estudantes estavam a travar em Coimbra (Cruzeiro, 1989:173).

Entretanto chegavam à capital uma multidão de adeptos vindos de Coimbra, “milhares de estudantes” segundo Cruzeiro, vindos dos mais variados transportes, quer de carro ou comboio (Cruzeiro, 1989:174). Aguiar de Melo conta-nos como foi do seu ponto de vista: *“uns foram de comboio, outros à boleia, eu fui à boleia, (...) fui para casa de um primo, que também era um ex-estudante, e que foi ao jogo comigo, de capa e batina apesar de não ligar muito à bola. E no domingo fomos para o estádio”* (depoimento ADM).

5 - Jornais

Nos jornais, existe pouca informação política nos dias antecedentes à final, a maioria era sobre o futebol propriamente dito. Temos o jornal *A Bola* a noticiar o apuramento da académica para a final como *“A Académica está na final, mas que grande galo!”* no dia 19 de junho, além de

alertar para as excursões de Coimbra para Lisboa que já estão a ser preparadas, este periódico também alude para o carácter especial da partida, mas com certeza está relacionado com o fato de ser uma final (A Bola, 19-06-1969: 4). O *Diário Popular* também faz referência à vinda da Académica à capital, assim como o local *Diário de Coimbra* que enuncia “*Todos os caminhos irão dar ao Jamor*”, realçando que os estudantes pretendem repetir a façanha de 39 e conquistar a sua segunda taça de Portugal (*Diário de Coimbra*, 18-06-69:3). Assim como existem várias reportagens sobre esta primeira final que a Académica ganhou, a relembrar os seus heróis.

Contudo existe uma notícia que é muito comum em todos os jornais nesta semana anterior e está relacionada com a não transmissão televisiva do jogo. O *Record* remete para um comunicado da F.P.F. que diz que:

“Para conhecimento geral, informa-se que o jogo da final da Taça de Portugal, que se realiza no Estádio Nacional, entre as equipas do Benfica e da Associação Académica, não será transmitido, em direto, pela Televisão, contrariamente a boatos e notícias que têm circulado nos últimos dias”.

Este jornal ironiza ao duvidar que tenha havido sequer conversações para que esta transmissão se realizasse, pois como já foi dito anteriormente esta decisão foi tomada pelo regime como meio de precaução do que poderia acontecer. O opositor *Diário de Lisboa* fornece outros detalhes sobre estas supostas negociações entre a RTP e a Federação de Futebol não tiveram sucesso devido a fatores financeiros (*Diário de Lisboa*, 21-06-69:1). Mário Campos refuta estas notícias e diz que foi “*uma desculpa completa, até o Presidente da República estava marcado para ir e não foi...*” (depoimento MC).

Curiosamente este jornal também contém várias entrevistas efetuadas a adeptos da Briosa, numa delas, um senhor António José Pina afirma que “...os estudantes devem se manter unidos e ajudarem uns aos outros...” sugerindo que neste jogo se jogava muito mais do que futebol. Nesta edição existe também uma entrevista ao Presidente da AAC, onde este diz:

“Penso que a nossa equipa está em condições físicas que lhe permitem aguentar o ritmo da “final”. O moral dos estudantes é extremamente elevado. E, apesar das dificuldades que rodeiam esta partida decisiva, os estudantes de Coimbra encaram-na com a sua já habitual serenidade e com maturidade que os caracteriza”.

Claramente só num periódico com um carácter oposto ao regime é que o Presidente da AAC poderia falar sobre as dificuldades que rodeavam o encontro, aludindo para a crise estudantil que se estava a viver.

Um dos curiosos casos que ocorreu nesta caminhada da Académica para a final foi o equipamento utilizado no primeiro jogo da meia-final em Alvalade, que neste caso foi branco, com a braçadeira de luto preto no braço. Algo que provocou um grande alvoroço, provocando até um comunicado da FPF a proibir o uso de outros equipamentos que não fossem os habituais, como relembra *A Bola* no dia anterior à final. Estes expõem a reposta da Académica a toda esta polémica, que comunica que tudo se deveu “para minorar os efeitos de calor”, ficando saliente que não era uma questão de protesto pela crise o fato de equiparem de branco com a braçadeira preta (*A Bola*, 21-06-69:4)

Mário Campos ao comentar este assunto diz que: *“O branco não é luto, é o equipamento alternativo, simplesmente se nós aparecemos em Lisboa com aquele equipamento e levamos as braçadeiras, alguma coisa estava mais ou menos pensada. Resolveu-se jogar de branco, porque estava uma temperatura enorme, mas não nos esquecemos das braçadeiras de preto (risos)... e naquele momento como estava muito calor juntamos o útil ao agradável. Eu até disse isto “está um calor de rachar mais vale levar o branco, e até dá mais nas vistas”* (depoimento MC). António Marques apoia o seu antigo colega: *“Foi por causa do calor, mas a fita preta via-se melhor do que qualquer coisa que utilizássemos”* (depoimento AM).

Mário Campos também alude para uma fotografia que aparece no jornal *A Capital* na sua edição de 9 de junho



Sobre esta diz: " *se verificar só existe uma braçadeira preta nos jogadores, eu estou ali atrás, portanto não se vê o braço, o Manel também não se consegue ver o braço, o outro está agarrado ao colega, o único que se podia ver a braçadeira, eles cortaram a fotografia. Assim só parece que o um único que tem a braçadeira, mas este não era o capitão* " (depoimento MC), levando a crer que a censura não deixava passar nenhuma informação sobre o luto da académica, quer escrita, quer visual, provando serem detentores uma imaginação riquíssima para boicotar qualquer tipo de informação que pudesse chegar aos portugueses.

Quanto ao jogo em si observamos a existência de notícias a falar mais concretamente do futebol que se jogou no Estádio do Jamor, desde os jornais desportivos como o *Record* ou *A Bola*, até aos noticiários mais ligados ao regime que falam sobre os golos de Eusébio e Manuel António, ou seja, do jogo em si. As exceções são os jornais da oposição como o *Diário de Lisboa* que relata na grande invasão que os adeptos da Briosa efetuaram em Lisboa com "Cartazes da Associação Académica, buzinas...", e com uma grande ironia diz que "não houve flores ou balões" (*Diário de Lisboa*, 22-06-69:1), numa clara alusão às iniciativas estudantis que ocorreram na cidade de Coimbra a pretexto da sua luta, contudo só quem estaria por dentro deste tema é que conseguia descodificar esta pista. Este periódico, vai mais longe e noticia:

"À margem do jogo foi um grande jogo de cinquenta mil entusiastas.

Dísticos havia muitos. Depois começaram a ser menos. Palavras que iam para além do próprio jogo. Era outra Taça.

Antes do jogo e durante o jogo, a festa foi de Coimbra. No final foi de ambos.

Os benfiquistas, representação da gente do povo, vestiram as camisolas negras da Académica. Como que simbolizar a ambição estudantil expressa num grande e eloquente cartaz."

Também encontramos alguns exemplos deste tipo de ousadia no *Diário Popular* (ligado à oposição). Primeiro temos a notícia de duas prisões que ocorreram no estádio, que nenhum outro jornal noticiou. E em segundo Este informa que "havia grandes bandeiras da académica, todas elas com o sinal de luto..." (*Diário Popular*, 22-06-69:16), isto é, com o traço branco por cima do símbolo. Para além de:

"...exibiram vários cartazes com legendas deste estilo: "A Académica está de luto", "Universidade Livre", "Viva a liberdade", etc."

(---)

Nas duas cabeceiras começaram, entretanto, a aparecer alguns indivíduos isolados a discursar, falando de liberdade e de mais ensino e menos polícia.

Alguns assistentes batiam palmas, mas a polícia continuava a não intervir.”

Para estes dois jornais, com a terrível ameaça da censura e da repressão a pairar sobre si, conseguir publicar notícias, mesmo que curtas deste género em pleno Estado Novo era um claro sinal de coragem, até porque foram os únicos.

Como nos diz Cruzeiro a imprensa nacional vivia “amordaçada pela censura”, e apenas os jornais mais progressistas é que conseguiam facultar, timidamente algumas notícias sobre o que se passava, tinha sido assim também durante a crise. Onde só o Diário de Coimbra é que procurava informar ao usar a metáfora até à exaustão com relatos sobre o clima quente que se vivia em Coimbra (Cruzeiro, 1989:162-163).

6 - O jogo

Cruzeiro fala em milhares de comunicados que foram distribuídos durante a final, sendo que saíram de pontos estratégicos distribuídos ao longo do estádio. Além disso também muitos cartazes e faixas foram passando ao longo das bancadas e palavras de ordem foram gritadas pelos adeptos (Cruzeiro, 1989:174). Aguiar De Melo comenta um rumor que rondava o estádio: “Dizia-se que grande parte dos papéis que eram lançados tinham seguido no autocarro com os jogadores” (depoimento ADM).

Já Mesquita e Santana relatam na preleção de meia hora que o treinador dos estudantes, Francisco Andrade deu aos seus jogadores dizendo que “Vocês têm o privilégio de poderem dar a voz a um país que não pode falar, através do dom de jogar à bola que Deus vos deu”, provando que a equipa de futebol tinha muito bem presente o quão importante era esta final não só para a cidade como para Portugal, tendo eles um enorme sentido de dever além do divertimento de praticar este desporto (Mesquita e Santana, 2011:223).

Mário Campos expõe que *“a final teve tanta importância que não se fala do jogo. Foi um jogo equilibradíssimo, nós fizemos o golo perto do fim, o Benfica empata e vamos para o prolongamento, onde na segunda parte, o Eusébio faz o golo da vitória. Mas foi um jogo muito dividido em que a Académica teve períodos melhores e depois no final o Benfica pressionou mais um pouco.”*

Quando ao jogo, a Académica atuou da seguinte forma:

Final
22-06-1969
Benfica 2 – 1 ACC
Viegas Gervásio (cap.) Viera Nunes Belo Marques Rui Rodrigues Nené Vitor Campos 8Rocha) Mário Campos Manuel António (1) Peres (Serafim)

Fonte: Fundo Dr. Nuno Perestrelo Pimentel, Museu Académico

Já o Benfica levou o seguinte onze: José Henrique, Malta da Silva, Humberto Coelho, Zeca e Adolfo, Toni, Coluna, Jaime Graça, Abel. Eusébio e Simões. Segundo os Record as incidências mais relevantes do jogo para o Record foram:

“Gervásio marcou um livre. O esférico foi a Manuel António, que o recebeu no peito, deixou-o cair na relva e acabou por atirar forte e certo.”

Quatro minutos depois, Eusébio executou um livre, Viegas largou a bola e Simões ocorreu prontamente a uma recarga oportuna

Aos 109 minutos Jaime Graça centrou, Viegas saiu, mas Eusébio antecipou-se e cabeceou para o fundo das redes”

Ao relatar o ambiente Mário Campos diz: *” um jogo de grande tensão, da parte da massa associativa de um lado e de outro. Os adeptos do Benfica colaboraram excepcionalmente com os adeptos da Académica, o estádio estava completamente cheio. Com os guardas da GNR em volta com os seus cães-polícia. Os estudantes organizaram-se bem e mandaram milhares de panfletos da bancada, algo que a equipa sabia perfeitamente o que iria acontecer, a equipa do Benfica é que estava às escuras, pois não havia imprensa”* (depoimento MC). Esta obscuridade em que o povo português vivia pode ser presenciada numa história que Mário Campos conta sobre o Simões, jogador do Benfica que lhe pergunta o porque da académica estar de luto e o primeiro explica que não era a académica mas a academia, o que demonstrava bem a falta de informação sobre a crise estudantil. O seu colega de equipa António Marques confirma ao dizer: *” Muita da massa associativa do Benfica e os portugueses em geral não sabiam da crise académica e só pelo futebol é que tomaram conhecimento. Porque o estádio estava cheio de estudantes e antigos estudantes, pois esta mensagem que foi dada no Jamor correu o país inteiro”* (depoimento AM).

Aguiar De Melo, ao relatar a final diz: *“O estádio estava a abarrotar, acho que ultrapassaram a lotação, porque tinha gente em tudo o que era canto”*. E continua *“O jogo começa, e a determinada altura, começou a circular a notícia de que havia Pides no meio do público. E começaram a aparecer uns cartazes. O engraçado da questão é que os pides quando viam os cartazes tentaram tirar, mas as pessoas passavam a faixa e esta ia andando, e até passava pelos adeptos do Benfica”* Melo também partilha da opinião de Mário Campos *“Foi um jogo muito disputado, tanto que a Académica marca o golo no final e logo a seguir o Benfica empata e depois ganham no prolongamento. Até porque é natural que os jogadores da Académica já estivessem cansados pois não tinham as condições dos seus adversários”* (depoimento ADM).

Já António Marques por seu lado descreve a final *“Entramos a passo, com as capas pelos ombros (...) nós marcamos um golo e partir daquele momento, o árbitro que era de Setúbal, começou a “inventar” livres à entrada da grande área para o Benfica marcar e num desses eles marcaram”* e este continua *“A final podia ser bom se ganhássemos a taça e tivemos possibilidade de a ganhar, se não fossem alguns fatores endógenos. Nós temíamos que em caso de vitória aquilo pudesse dar para o torto, porque a PIDE estava distribuída pelo estádio todo”* (depoimento AM).

Estes intervenientes descrevem um clima quente e ameaçador, com muitas manifestações extrafutebol, e sobretudo um regime que estava atento e vigilante ao que poderia acontecer.

Quanto à importância do jogo Mário Campos refere que os jogadores tinham esta noção além de que *“sabíamos que levávamos as costas uma dupla responsabilidade não só desportiva, mas sobretudo política, do que estava a acontecer em relação à academia.”* (depoimento MC).

7 - Pós-jogo

Cruzeiro classifica a vitória nesta final como crucial para a luta, pois iria permitir a invasão de campo e um cortejo de vitória de volta para Coimbra, que iria servir para sensibilizar as pessoas de todo o país. Isto iria permitir um alargamento maior do movimento (Cruzeiro, 1989:174).

O Record descreve o clima a seguir ao final do jogo da seguinte forma, na sua edição de 24 de junho de 1969:

“Benfiquistas trajando de académicos e estes envergando camisolas encarnada, numa permuta curiosa, simbólica e simpática, a encerrar condignamente uma luta de duas horas que empolgou e que foi sempre nobre, qualquer que fosse o desfecho no marcador”

Realmente devido ao tom cordial e amistoso em que acabou o jogo leva-nos a crer que apesar de os jogadores da Académica terem outros motivos que não desportivos, os seus adversários não partilhavam desta dualidade de objetivos. Até a “simbólica” troca de camisas, que apesar de ser habitual neste tipo de encontros, é importante, pois o ato dos jogadores do Benfica de vestirem a camisola preta dos estudantes não deixa de ter significado.

Aliás até os adeptos encarnados não ficariam descontentes com a vitória da Académica, como nos diz Cruzeiro, pois esta vitória pouca alegria deu a estes, porque por um lado já tinham muitas taças (este foi o seu 13 troféu), e por outro a vitória da Biosa implicava o prosseguimento do protesto, na qual todos os antifascistas estavam empenhados (Cruzeiro, 1989:175).

António Marques defende que *“O Benfica era a equipa do regime, pode não ser o regime político, mas do regime desportivo, pois tinha sido campeão nacional, campeão europeu e os seus jogadores constituíam a base da Seleção Nacional, pois eles tinham muita qualidade, eram uma espécie de instituição nacional (...) a Académica ganhou porque fez história desportiva,*

e isto via-se no ambiente em volta do jogo”. Este depoimento vai de encontro ao assunto do capítulo anterior que se prende com o fato de esta final ter sido contra o Benfica campeão europeu, que representava o regime numa dimensão mais desportiva a nível internacional, logo o fato de este jogo ser contra esta equipa em particular, não deixa de ser notório.

Já Aguiar De Melo na sua opinião *“A noção que se tem é que se a Académica tem ganho o jogo, era o fim do mundo em Lisboa, porque estava muita gente. Eu confesso felizmente o Benfica ganhou, porque tenho a impressão que aquilo podia ter corrido mal. (...) estou convencido que as pessoas começavam a se manifestar cada vez mais, haveria invasão de campo e teria havido confusão”*. este continua *“Foi um dia em que se estava sempre à espera que acontecesse alguma coisa. A Académica numa final da taça, durante uma época de uma ebulição tão grande, em que se sabia dos problemas já existentes anteriormente com o jogo com o Sporting, por causa do luto Académico, portanto havia todo um movimento em que se estava à espera de que algo acontecesse. E aconteceu! Começaram a aparecer os cartazes e os panfletos”*. Como reflexão destes tempos Melo afirma: *“Todas estas manifestações foram um abalo muito grande para o Estado e este sentiu muito isto (...) a crise de 69 o que trouxe à população estudantil e de certa forma ao país, foi um abrir os olhos em relação a situação política”* (depoimento ADM).

Mário Campos também sente o mesmo *“seria uma desgraça, porque havia uma grande excitação dentro do estádio, com milhares de estudantes, muitas pessoas de Lisboa, como o Jorge Sampaio e o seu grupo de 62, e a quantidade de GNRs, e polícias que estavam nas bancadas, se houvesse uma invasão, podia correr mal”* ambos estes intervenientes patinham da opinião que uma vitória da Briosca poderia trazer mais danos do que benefícios para a crise, porque o clima era de tal ordem intenso que se houvesse alguma manifestava da parte de Académica e repressão seria dura naquele dia. Já Cruzeiro, como já foi dito anteriormente realça a parte positiva da possível vitória, ao aludir para a importância a luta teria com esta vitória.

Para Mário Campos o jogo foi importante *“Porque esta final deu visibilidade ao povo português a propósito das coisas que não estavam a correr bem. (...) Alavancou um bocado todo este processo que depois foi culminar no 25 de abril, pois o regime já estava a cair de podre e caiu por si, mas aquele jogo não dava para fazer uma revolução. Com calma, a ganhar, evidentemente o que acontecia era grandes manifestações em Lisboa (...), portanto todo o país saberia ainda mais o que se tinha passado.”* António Marques expõe que: *“O país estava*

sedento de liberdade, e mais tarde com a crise académica muitos dos seus intervenientes expulsos da universidade foram mobilizados para a tropa, onde tinham os seus núcleos de convívio, onde depois nasceram os capitães de abril, portanto foi uma semente, a semente de 69 que originou o 25 de abril, foram pontas-de-lança e espinhas encravadas no exército". Este continua e diz que *"A final da taça foi produto de uma conspiração geral, que já havia na sociedade portuguesa"* (depoimento AM). Estes dois ex-jogadores partilham a opinião que o Estado Novo estava na sua fase final, e que isto era visível em todo o povo português, e conferem uma importância a este jogo e todos estes acontecimentos envolventes a crise vital para o que viria a seguir. Apesar de este assunto se muito discutido, o que podemos concluir é que todo este período foi fulcral, nem que seja apenas para a geração que o viveu, pois tiveram a ousadia de fazer atos que os seus pais não fizeram. Contudo como podemos observar o regime estava a enfraquecer, e esta crise e este jogo, também pode ser vista como uma consequência da fase final do Estado Novo.

Conclusões

Este trabalho analisou o significado político da crise de 69, ou seja, como um evento desportivo pôde dar visibilidade a uma crise académica que se opunha politicamente ao regime. Ora deste ponto podemos dizer que os estudantes foram bem-sucedidos, pois a utilização da equipa de futebol e da final da Taça de Portugal de 1969, como arma no protesto teve efeitos. Um deles foi que mexeu com o regime, pois neste encontro não houve transmissão televisiva, nem o Presidente da República aparece, o que prova que a mobilização que os estudantes estavam a reunir à volta deste encontro provocou o receio dos responsáveis do Estado Novo, como garantem muitos dos intervenientes da final.

Outro ponto de análise era a importância deste acontecimento para a queda da ditadura e a vinda da democracia. E neste aspeto eu questionava-me, e aos meus entrevistados, se, no caso de a Académica ter ganho o jogo, era possível afirmar que a democracia portuguesa começava no estádio do Jamor em 1969. A maior parte deles não é apologista desta teoria, recorrendo ao facto de o ambiente estar tão tenso, e de haver tantas polícias que se houvesse alguma manifestação, as coisas podiam correr muito mal. Por isso pode-se concluir, que apesar do enorme significado deste jogo de futebol, não foi este acontecimento que motivou o fim do regime, pois como é relatado neste trabalho, este já estava numa fase terminal. Mas também porque apesar de tudo o futebol não é uma atividade política central, quando comparada, por exemplo, com a ação dos partidos, sindicatos, forças armadas, etc.

No entanto, como diz Cruzeiro, a vitória podia dar mais notoriedade à causa, porque haveria invasão de campo, o desfile até Coimbra, e isso faria com que a mensagem dos estudantes se espalhasse mais por todo o país. Mas isto não ocorreu, a Académica perdeu e o movimento estudantil iria acabar nos dois meses seguintes.

Por este lado, esta final tem importância para o 25 de abril, pois os estudantes que fizeram a crise, muitos acabaram por ser mobilizados para a guerra, onde foram privar com muitos militares, entre eles os capitães de abril, tendo influência neste acontecimento histórico do nosso país. Por isso é que a final é relevante, porque foi o ponto máximo desta luta estudantil, onde nunca tinha reunido tantas pessoas como no Jamor em 1969.

No entanto esta importância é atribuída por estes elementos que estiveram na crise, como os estudantes e os jogadores, que defendem que esta foi fulcral para a vinda da democracia. Talvez neste aspeto haja exageros, como é natural da parte de uma geração que sente que fez algo

importante, pois é impossível estabelecer uma relação causal entre esta crise e a queda do regime. Contudo este período pode ser tido como o início deste processo que irá levar à revolução, pelo facto de nos encontrarmos na primavera marcelista, período terminal do Estado Novo e nesta época a final foi uma enorme manifestação contra o regime, logo pode não ter levado à sua queda, mas foi um prenúncio do que iria acontecer.

Depois da crise nada foi igual, os portugueses perceberam que o regime não era justo e que teria de acabar. Contudo fica para a História esta final de 69, onde o futebol, que tinha sido usado pelo regime para justificar uma guerra sem sentido, neste dia foi utilizado contra este, para expressão de um anseio de todo um povo, o desejo de liberdade.

Bibliografia /Fontes consultadas

I - Entrevistas

- Mário Campos
- António Marques
- Aguiar de Melo

II - Fundos documentais:

Museu Académico de Coimbra

Fundo Dr. Nuno Perestrelo Pimentel

III - Publicações periódicas:

A Bola: junho 1969.

A Capital: junho 1969.

Diário de Coimbra: junho 1969.

Diário de Notícias: junho 1969.

Diário de Lisboa: junho 1969.

Diário Popular: junho 1969.

Novidades: junho 1969.

O século: junho 1969.

Record: junho 1969.

IV – Material Audiovisual

Martins, Ricardo (2009) *Futebol de Causas*. Documentário.

V - Bibliografia

ACCORNERO, Guya (2009), *Efervescência estudantil: estudantes, ação contenciosa e processo político no final do Estado Novo (1956-1974)*, Lisboa. Tese de doutoramento.

BEBIANO, Rui (2003), *O poder da imaginação: juventude, rebeldia e resistência nos anos 60*, Coimbra: Angelus Novus.

CARDÃO, Marcos (2009) *A star is born: Eusebio, football, and the ideology in late portuguese empire*, internacional journal of the History of sport, pp 1-15.

CARDINA, Miguel (2008), *A tradição da contestação: resistência estudantil em Coimbra no marcelismo*, Coimbra: Angelus Novus, D.L.

CRUZEIRO, Celso (1989), *Coimbra, 1969: a crise académica, o debate das ideias e a prática, ontem e hoje*, Porto: Afrontamento.

CRUZEIRO, Maria Manuela e BEBIANO, Rui (2006), *Anos inquietos: vozes do movimento estudantil em Coimbra: 1961-1974*, Porto: Afrontamento.

DRUMMOND, Maurício (2013), *A bem do desporto e da nação: relações entre esporte e política no Estado Novo português (1933-1945)*; revista estudos políticos, n 7, pp 298-318.

ESTANQUE, Elísio e BEBIANO, Rui (2007), *Do activismo à indiferença: Coimbra 1969-1979/80: Luto académico, Tradição Coimbrã e Mudanças Políticas 180 movimentos estudantis em Coimbra*; Lisboa: ICS - Imprensa de Ciências Sociais.

HOBBSAWM, Eric (1998), *The year the prophets failed, 1960. Magnum throughout the world*. Paris: Hazan . 8-10.

KUMAR, Rahul (2015), *A pureza perdida do desporto: futebol no Estado Novo*. Lisboa, Edições Paquiderme.

MARCUSE, Herbert (1968), *O Homem Unidimensional, O Tempo e o Modo*.

MARTINS, Carlos (2013), *Coimbra 1969-1979/80: luto académico, tradição coimbrã e mudanças políticas*, Coimbra. Tese de mestrado.

MESQUITA, João e SANTANA, João (2011), *Académica História do Futebol*, Coimbra, Almedina.

MARWICK, Arthur (1999), *The Sixties, Cultural Revolution in Britain, France, Italy and United States*, Oxford, Oxford University Press.

NAMORADO, Rui (1972), *Movimento Estudantil e Política Educacional*, Edição do autor, Águeda.

PINHEIRO, Francisco (2019), *O “lápiz azul” no sport português: política, desporto e media; no Futebol e Política*, n 3, pp 97-114

SERRADO, Ricardo (2009), *O jogo de Salazar, a política e o futebol no Estado Novo*, Lisboa, Casa das letras.

SERRADO, Ricardo (2011), *Futebol a magia para além do jogo*, Lisboa, Zebra.

VAZ-PINTO, Raquel (2016). *Para Lá do Relvado*, Lisboa, Tinta da China.

Anexos

Anexo 1 – Jornal A Bola, 19 de junho de 1969, pág. 4

UM JOGADOR E A SUA HISTÓRIA

ACADÉMICA NA FINAL

MAS QUE GRANDE «GALO»!

— curiosa reacção de TONI

ENTREVISTA DE VITOR HUGO

UMA história que começa por fazer a de Toni, o que o tempo não apagou. A Academia Sportiva Incoporada que infelizmente não tem computador electrónico. Mas Toni, o Toni, continua a ser Toni.

Quanto vale o Toni pelo computador electrónico? A Academia Sportiva Incoporada que infelizmente não tem computador electrónico.

Dr. São Francisco de Assis, quando pensa. É não pode ser desfeito. Este não tem, por exemplo, memorização em Directo Romão, na Faculdade de Direito. Ainda foi a primeira frequência. Tiv, até, uma taxa que parecia acadêmica.

«A segunda frequência estava marcada para 11 de Abril, chegou a 10 de Agosto, chamada, Marçoso ou para...»

EUSEBIO?.. Só aparece contra daqui a dez anos.

GILMAR?.. Que grande golo que eu lhe marqueei!

18 de Abril, chegou a 17 de Maio, não foi jogar, pelas dificuldades, contra o Inglaterra. E entrou em campo depois de jogar com o F. C. Porto, Impulsor, não lhe passou.

«Mercedinho para não perder a presença com os Ercos. Ser presidente de um Benfica não é mesmo mesmo...»

«Tudo um pouco mais arde. Antes uma situação, de que não se esqueça. Agora, por exemplo, graças a de o «Meca» e a Indonésia. Não surge uma oportunidade destas todas os dias.»

«A viagem não houve e acabou.» (Continua no 6.º pag.)



DEBURE E «PENALTY» — Movimento. Seria legítimo. O grau exato de ser chamado a Tonda, de braga em si, não se explica, que a 100 metros.

«A BOLA» APRESENTA, DO RIO DE JANEIRO

OLÉ, BRASIL, BRASIL

GRITOU-SE NO MARACANÃ

RIO DE JANEIRO — Sem dúvida alguma a vitória de, através brasileira diante da Inglaterra (actual campeão mundial) foi espetacular. Os 100.000 pagantes que compareceram ao maior estádio do mundo tiveram a confirmação de que o

Anexo 2 – Jornal A Bola, 21 de junho de 1969, pág. 4

O QUE FALTAVA DIZER

«POR QUE JOGAMOS DE BRANCO EM ALVALADE»

Como se sabe, a Académica jogou de branco no Estádio de Alvalade, no desafio da meta-final contra o Sporting. Esse facto provocaria, depois, um comunicado da Federação no qual, entre outros, se previa que os jogadores convergiam outros equipamentos que não fossem habitualmente usados pelos respectivos clubes.

O dr. João Moreno, chefe da secção de futebol da Académica abriu o «dossier» e contou-nos:

— O facto de a Académica ter jogado de branco em Alvalade provocou os mais variados comentários e as mais desencontradas reacções. Acho, pois, que é efectivamente conveniente explicar como as coisas se passaram.

Assim que o nosso delegado em Lisboa, nos informou de que o adversário que nos calhava era o Sporting, entramos em contacto com o major Lobo da Costa no sentido de que o desafio se dispusesse à noite.

A resposta do Sporting foi negativa e, então decidimos, para minar os efeitos do calor, jogarmos de branco, pois como se sabe o calor é mais absorvido pela cor negra do que pela branca.

Arrescentou:

— Portanto, tudo o que se tem dito por aí, não passa de especulação. Equipamo-nos de branco, apenas pela lei física que acaba de lhe divulgar.

— E para a final...

— Logo antes de primeiro desafio contra o Sporting, ficara decidido que, se fôssemos à final, jogaríamos de negro, precisamente por ser um desafio «outi-generis», numa prova em que temos as nossas tradições muito especiais, podendo perder em significado, nós jogarmos de outra cor.

JORGE SCHNITZER

Anexo 3 – Jornal A Capital, 9 de junho de 1969, pág. 1



Anexo 4 – Jornal Diário de Coimbra, 18 de junho de 1969, pág. 3

NO PRÓXIMO DOMINGO:

Todos os caminhos irão dar ao «Jamor»

Conseguida a qualificação para a final da Taça, a Académica, sem descuidar o trabalho, não tem alterado o seu costumeiro horário de preparação.

A época foi longa e cansativa, agora é necessário, sómente, manter a forma que, aliás, é excecional para o momento.

Coimbra rejubila com o feito da sua equipa representativa e, tal como nas três edições anteriores, cairá em peso no Estádio de J...

tes na capital, dando-lhes uma maior animação e colorido.

Entretanto, começam já a organizar-se excursões de camioneta, estando, também, abertas inscrições para o comboio especial que a secção de futebol dos escolares, em boa hora, resolveu levar a cabo.

Assim, tudo se conjuga para que a final da Taça de 1969 resulte num autêntico festival desportivo.

Anexo 5 – Jornal Diário de Coimbra, 21 de junho de 1969, pág. 3

desportos

TRINTA ANOS DEPOIS a ACADÉMICA parte para Lisboa à conquista da «Taça de Portugal»

O ano de 1939 foi, realmente, o «ano de ouro» da Associação Académica. A equipa de estudantes de Coimbra saiu do anonimato, tornou-se feita em todo o País e em Coimbra passou a ser, daqueles que andam ligados ao desporto, os que não sabem a constituição de tão famoso «time». Falamos por experiência própria pois na altura dessa final memorável, ainda não tínhamos idade para ir ao futebol e, no entanto, há muito que conhecemos, por tantas vezes ouvidas, todas as circunstâncias desses atletas extraordinários e, por isso, até nos pareceu ter visto um sapão assim jovem de então, agora passear com posições firmadas na sociedade, actuar no velho campo de Santa Cruz.

No entanto, desde que esse inagotável homem do futebol alentejano, chamado Cândido de Oliveira, passou por Coimbra, algo se modificou no aspecto desportivo, embora sempre no bom sentido.

A repulsa continuou a actuar, a errar os seus passos, mas, maré de uma consciência inteligente de jogo, passou a entender-se os melhores, deixando um rasto de algo diferente nos campos onde actua. É a inteligência, a habilidade, em síntese um futebol académico de energia, a aplicar à frega daqueles que nada mais fazem do que jogar futebol.

Apesar de tudo, esta terminação...

has as terras atravessam um bom momento de forma.

A terminar a nossa série de entrevistas com os componentes das equipas finalistas, vamos, hoje, distingar com o dr. Alberto Gomes, um futebolista veterano que tem o seu nome ligado não só à Final de 1939 como, também, ao regresso da Académica à 1.ª divisão.

PERES
é a minha pr...

FRANCISCO ANDRADE

— Este momento que vai ser um bom espectáculo, pois tanto a Benfica como a Académica, são equipas que praticam bem futebol, por consequência com responsabilidades perante uma assistência exigente.

Sem supor o valor de Benfica, julgo que a Académica se mostrará, neste momento um que pode discutir com os vencedores, de igual para igual, o resultado.

Conta-se que se repetisse a história de 1939 neste ano seria um grande sucesso para todos nós.

Marcadores da Académica em 1939

1.º Pimenta
2.º Alberto Gomes
3.º Arnaldo Carneiro
4.º Arnaldo Carneiro

Relembrando os de 1939...

TIBÉRIO — Médico.
JOSÉ MARIA ANTUNES — Médico e actual vice-presidente nacional de futebol.

ARNALDO CARNEIRO — Funcionário superior do Cuf.
NINI — Farmacêutico.
PIREIRA — Director casador e presidente da C. M. de Leiria.

... e apresentando os de 1969

VIEGAS — Finalista do Campeonato Nacional.
CUNADO — Engenheiro agrícola.
GERVÁSIO — Curso Inicial de Engenharia.

VIEIRA MUNES — Frequencia o 2.º ano e prepara-se para a abolição do Instituto Industrial.
BELO — 1.º ano da Faculdade de Direito.

COMPANHEIRISMO:

Anexo 6 – Jornal Diário de Lisboa, 21 de junho de 1969, pág. 1

A TV NÃO TRANSMITE A FINAL DA TAÇA

INACEITÁVEIS AS CONDIÇÕES IMPOSTAS PELA FEDERAÇÃO

- SEGUNDO DECLARA A R. T. P.

A propósito da não transmissão da final da Taça de Portugal (facto que encontrou uma reacção extremamente desfavorável na opinião pública de todo o País) recebemos da Radiotelevisão Portuguesa o seguinte comunicado:

«A R. T. P., por considerar inaceitáveis as condições que lhe foram transmitidas pela Federação Portuguesa de Futebol, depois de consultados os clubes interessados para a transmissão directa do jogo da final da Taça de Portugal — pagamento de 200 contos de direitos e a garantia do pagamento da diferença entre o montante dos bilhetes vendidos e a verba correspondente à lotação exgotada do Estádio Nacional — não transmitirá amanhã como já foi anunciado por aquela Federação, o jogo a disputar entre o Sport Lisboa e Benfica e a Associação Académica de Coimbra.»

Anexo 7 – Jornal Diário de Lisboa, 22 de junho de 1969, pág. 1

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRETOR: SAUL CARVALHO
DOMINGO, 22 DE JUNHO DE 1969 N.º 15104 ANO XLV UM ESCUDO

às sextas-feiras em **MESA REDONDA** vamos discutir...

Os estudantes de Coimbra "invadiram" Lisboa para assistirem à final da «Taça»

— Vem aí os estudantes!... Esta exclamação pôde ouvir-se, repetidamente, na manhã lisboeta, enquanto algumas centenas de estudantes de Coimbra avançavam em ruidoso cortejo para assistirem à final da Taça de Portugal. Os estudantes não envergavam capa e batina — mas bastava o número dos que a trajavam, para dar ao ambiente, também sob este aspecto, um ambiente bem coimbrão. Certo que não houve...



Anexo 8 – Jornal Diário Popular, 19 de junho de 1969, pág. 21

DESPORTO

A JORNADA DE DOMINGO NO JAMOR

COIMBRA VEM A LISBOA E QUER LEVAR A TAÇA...

COIMBRA, 19 — A presença Académica na final da Taça de Portugal faz surgir, de novo, o assunto para o outro, os atletas lusitanos neste caso depositando-se na equipa dos estudantes — principalmente nos seus adeptos, como é normal — as maiores esperanças de conquista do ambicionado troféu.

Esperam-se numerosas exibições de destaque, sobretudo a esta gente se deslocará do norte, e a própria secção de futebol do Académico organiza um combate especial, presidiado por milhares de estudantes, a grande festa de domingo, no Estádio Municipal. Pode dizer-se que

É este o pensamento dominante, até entre as próprias jogadoras, como se depreende do breve trecho das impressões que fizemos com o «internacional» Vítor Campox, que também jogou na célebre final de 1967, com o Vitória de Setúbal:

— Parece-me que a equipa desta ano está melhor do que a do 1967 quanto a preparação física. Só desejo é que não esteja o mesmo calor sufocante de então, o qual foi para nós um suplício. De resto, a manutenção tem complexos, embora, perante o Benfica, a vitória sem pre uma certa dificuldade.

Acredito nas nossas possibilidades, até porque temos uma equipa mais jovem do que a do

de conjunto realizou-se este tarde a partida para Lisboa está marcada para amanhã, na quadra do clube.

A caravana do Académico é constituída pelos seguintes elementos: dr. Alberto Mesquita e Marcos Pinheiro, respectivamente presidente e vice-presidente da secção de futebol; médico dr. Francisco Soares; massagistas Guilherme e Pa-coel; treinador Francisco Andrade; e os jogadores Viegas, Brasseur, Custódio, Vieira Nunes, João, Morgues, Gerónimo, Rui Rodrigues, Nuno, Mário Campos, Manuel António, Vítor Campos, Pedro, Rocha, Crispim e Serafim.

A equipa para domingo deve ser sensivelmente a mesma que alinhou nos meados-finais. A única dúvida está em saber se Pedro, ainda recuperado, jogará o tempo todo.

O Sporting convidado para torneios em Córdova e S. Sebastian

Um empresário espanhol digno correto do Sporting para participar em dois torneios internacionais de futebol a realizar nos fins de Agosto.

Trata-se de um torneio em Córdova, nos dias 25, 26 e 27, seguindo-se outro, em S. Sebastian, nos dias 29, 30 e 31. O departamento de futebol lusitano vai debruçar-se sobre as possibilidades de parti-

Anexo 9 – Jornal Diário Popular, 22 de junho de 1969, pág. 21

DUAS PRISÕES NO ESTÁDIO NACIONAL

Ao principiar o jogo, a claquer dos estudantes, dividida pelas suas cabeceiras, começou a cantar o hino nacional e, juntamente com grandes bandeiras da Académica, todas elas com o sinal de luto, exibiram vários cartazes com legendas deste estilo: «A Académica está de luto», «Universidade livre», «Viva a liberdade», etc.

Não se registaram, entretanto, quaisquer incidentes.

Durante o intervalo voltaram a aparecer cartazes do mesmo género e gritos no teor dos cartazes.

A Polícia mantinha-se na expectativa, a olhar, mas sem intervir.

Nas duas cabeceiras começaram, entretanto, a aparecer alguns indivíduos isolados a discursar, falando de liberdade e de mais ensino a menos polícia...

Alguns assistentes batiam palmas mas a Polícia continuava a não intervir.

A certa altura, porém, foram leídos, discretamente, dois dos imprevistos oradores, que não usaram objecção.

Anexo 10 – Jornal Record, 21 de junho de 1969, pág. 14

NUM CAFE, ALGURES EM COIMBRA

FALAM ALGUNS ADEPTOS DA «BRIOSAS» E (TAMBÉM)... UM «ESPIÃO»

Antes da reportagem derradeira que terá como ponto fulcral o cenário do Jamor, os jornais procuram transmitir ao leitor os «preparativos». Para além do sabor semelhante a «aperitivo», existem, de facto, motivos de interesse que convém registar.

Para uma reportagem viva, nada mais indicado que o ambiente vivo de um «café». Havia que eleger aquele que desse maiores garantias de, em cada mesa, o «tema» em debate fosse a final da «Taça». Um pouco difícil porque Coimbra preocupa-se acaloradamente com a «sua» Académica e aproveita a «hora da bica» para fazer as suas previsões e acalentr as suas esperanças.

Decidimo-nos, Praça da República. «Mandarin». E começámos mesmo por ouvir o proprietário do estabelecimento. Ora oiçam o sr. Antunes:

— Conto estar presente no Estádio Nacional apesar de ter ficado «empanturrado» de futebol na final de optimismo e abeiramo-nos de uma mesa onde estavam instaladas duas pessoas. Mais precisamente: dois conhecidos advogados adeptos da «Briosas».

Ouvimos, em primeiro lugar o dr. Mário Maldonado:

— A tarde de amanhã no «Jamor» será de comemoração dos 30 anos da primeira vitória na «Taça». Mercê da magnífica «forma» da rapaziada, estou convencido de que a vitória se repetirá.

Por seu turno, o dr. Diamantino Marques Lopes emitiu assim a sua opinião:

— Prevejo um magnífico espectáculo, independentemente do resultado. A entrada de Francisco Andrade imprimiu outra vitalidade à equipa mas, mesmo assim, é muito difícil a Académica vencer o Benfica...

O dr. Maldonado aproveitou para mos a saber que, em coisas de futebol, conheciam os pormenores.

— Depois do jogo com a CUF fiquei com a sensação de que o Benfica não está na melhor «forma». A Académica irá vencer por 2-1 ou mesmo 2-0. E o Manuel António consegue, pelo menos, um golo.

Como se vê, desceu aos pormenores. Agora as declarações de Ema Pedro, estudante de Direito e igualmente adepta incondicional da «Briosas».

— Vou antes do jogo para Lisboa, com umas pessoas amigas. Vai ser um bellissimo espectáculo. Quanto à vitória estou confiante no valor da Académica. Repetir-se-á a «façanha» de 1939.

Junto de nós assistia um indivíduo. Deu-nos a ideia de que também gostaria de manifestar a sua opinião. Que se chamava Luciano Medeiros e que

Anexo 11 – Jornal Record, 24 de junho de 1969, pág. 12



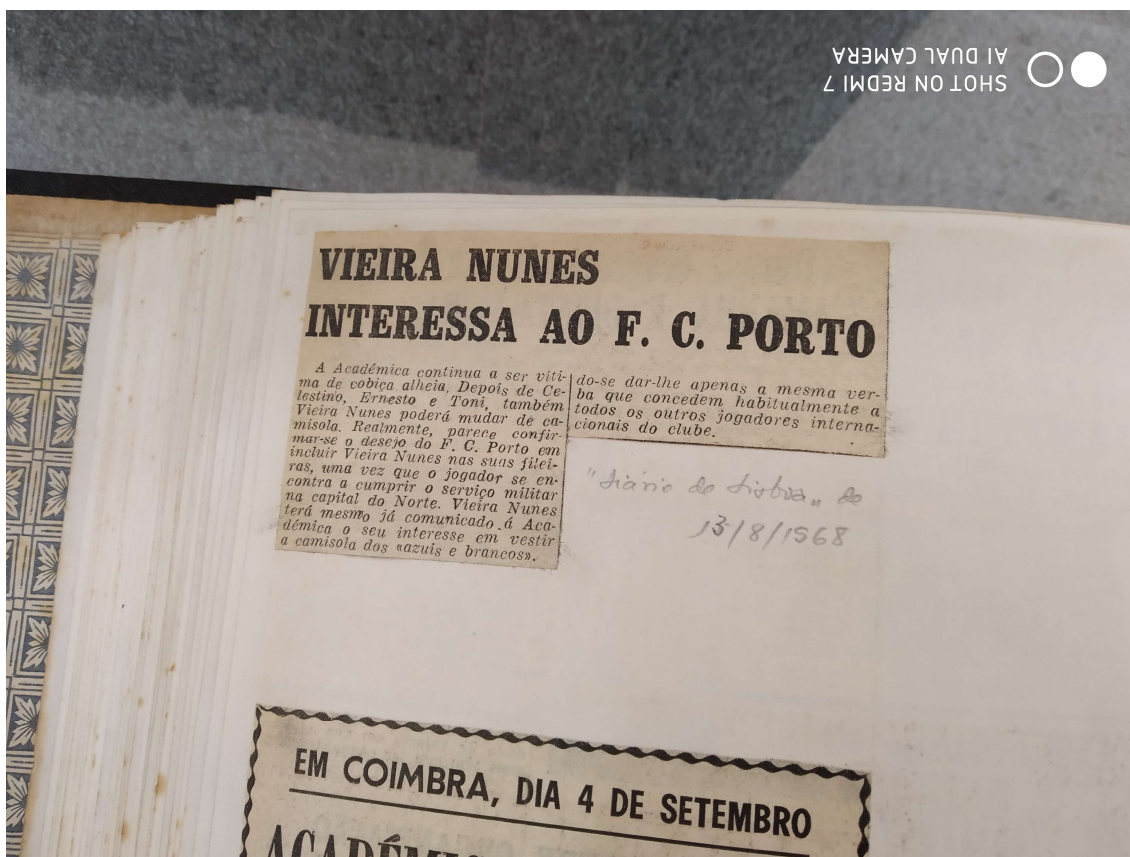
Anexo 13 - Fundo Dr. Nuno Perestrelo Pimentel, caminhada na Taça de Portugal

Taça de Portugal 1968-69

1ª eliminatoria 4-2-1969	2ª eliminatoria 4-8-1969	1/4 final - 1ª fase 11-8-1969	1/4 final - 2ª fase 18-8-1969
Estádio Municipal de Faro A.A. 2 Farense 0	Estádio Municipal de Braga Leões 1 A.A. 6	Estádio Municipal de Vila Rica A.A. 4 Ferrouçães 1	Estádio Municipal de Vila Rica Ferrouçães 0 A.A. 1
Viogas Cusado Albino Vieira Nunes Araújo Rui Rodrigues (M. Campos) Néne Cristiano Manuel António Pereira Vitor Campos	Viogas Cusado Albino Vieira Nunes Genésio Rui Rodrigues Néne Vitor Campos (Agostinho) Cristiano (Pereira) Manuel António Rocha (caj)	Viogas Cusado Vieira Nunes Belo Masques Rui Rodrigues (caj) Néne Mano Campos Luis Espírito (quinto) Pereira Vitor Campos (choute)	Viogas Cusado Vieira Nunes Belo Masques Rui Rodrigues Genésio (choute) Mano Campos Pereira Rocha (caj) Néne

1/4 final - 1ª fase 25-3-69	1/4 final - 2ª fase 1-6-1969	1/2 final - 1ª fase 8-6-1969	1/2 final - 2ª fase 21-6-1969	Final 22-6-1969
Est. Municipal de Guimarães Ferreiros 2 A.A. 1	Estádio Municipal de Fátima A.A. 5 Guimarães 0	Estádio José Alvalade Sporting 1 A.A. 2	Estádio Municipal de Maricá A.A. 1 Sporting 0	Estádio Nacional Benfica 2 A.A. 1
Viogas Cusado Vieira Nunes Belo Masques Mano Campos Rui Rodrigues Néne Vitor Campos Rocha (caj) Pereira	Viogas Cusado Vieira Nunes Belo Masques Genésio (caj) Rui Rodrigues (Rocha) Mano Campos Manuel António Néne Vitor Campos	Viogas Genésio (caj) Belo Vieira Nunes Masques Rui Rodrigues Néne Pereira (Rocha) Mano Campos (Cristiano) Manuel António Vitor Campos	Viogas Cusado Vieira Nunes Belo Masques Mano Campos Rui Rodrigues Genésio (caj) Vitor Campos Manuel António Néne	Viogas Genésio (caj) Vieira Nunes Belo Masques Rui Rodrigues Néne Vitor Campos (Rocha) Mano Campos Manuel António Pereira (choute)

Anexo 14 - Fundo Dr. Nuno Perestrelo Pimentel, Jornal Diário de Lisboa, 13-08-1968



Anexo 15 - Fundo Dr. Nuno Perestrelo Pimentel, bilhete da Final



